

SIMPÓSIO DAS
CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS
DE ÁFRICA E MADAGÁSCAR



Exortação Pastoral do Simpósio das
Conferências Episcopais de África
e Madagascar (SCEAM)

DOCUMENTO DE KAMPALA

*«Que conheçam a Cristo e tenham a
vida em abundância» (cf. Jo 17,3; 10,10)*

Aos Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Religiosas
e a todos os Fiéis Leigos da Igreja-Família de Deus em África,
pela ocasião do Jubileu de Ouro do SCEAM (1969-2019)

Kampala 2019

SYMPOSIUM DES CONFÉRENCES
EPISCOPALES D'AFRIQUE ET
MADAGASCAR



SIMPÓSIO DAS CONFERÊNCIAS
EPISCOPAIS DE ÂFRICA E
MADAGÁSCAR

SYMPOSIUM OF EPISCOPAL CONFERENCES OF AFRICA AND MADAGASCAR



**REGIONAL
EPISCOPAL CONFERENCES**

ACEAC
Association of Episcopal Conferences of Central Africa
Association des Conférences Episcopales de l'Afrique Centrale
Associação das Conferências Episcopais da África Central

ACERAC
Association of Episcopal Conferences of Central Africa Region
Association des Conférences Episcopales de la Région Afrique Central
Associação das Conferências Episcopais da Região Central da África

AHCE
Assembly of the Catholic Hierarchy of Egypt
Assemblée de la Hiérarchie Catholique d'Égypte
Assembleia da Hierarquia Católica do Egípto

**CONFÉRENCES
EPISCOPALES REGIONALES**

AMECEA
Association of Member Episcopal Conferences of Eastern Africa
Association des Conférences Episcopales membres de l'Afrique de l'Est
Associação das Conferências Episcopais Membros da África do Leste

CEDO I
Episcopal Conferences of the Indian Ocean
Conférence Episcopale De l'Océan Indien
Conferência Episcopal do Oceano Índico

CERNA
Regional Episcopal Conferences of North Africa
Conférence Episcopale Régionale de l'Afrique du Nord
Conferência Episcopal Regional do Norte de África

**CONFÉRENCIAS
EPISCOPAIS REGIONAIS**

IMBISA
Inter-Regional Meeting of the Bishops of Southern Africa
Rencontres Inter-Régionales des Evêques de l'Afrique Australe
Reunião Inter-Regional dos Bispos do Sul de África

RECOWA /CERAO
Regional Episcopal Conferences of West Africa
Conférence Episcopale Régionale de l'Afrique de l'Ouest
Conferências Episcopais Regionais da África Ocidental



INTRODUÇÃO

1. A celebração do Jubileu de Ouro do Simpósio das Conferências Episcopais da África e Madagáscar (SCEAM), de 29 de Julho de 1969 a 29 de Julho de 2019, proporcionou à Igreja em África e Madagáscar uma oportunidade única de agradecer a Deus pelas inúmeras bênçãos à Igreja-Família de Deus em África e a todo o Continente, ao longo dos últimos cinquenta anos. No encerramento desta celebração jubilar, com profunda gratidão a Deus, queremos crescer no desejo de conhecer Cristo mais profundamente e de segui-Lo mais de perto, para d'Ele recebermos a plenitude de vida que Ele veio trazer à Humanidade (cf. Jo 10, 10). Fortalecidos pela Palavra de Deus e pela Eucaristia e guiados pelo Espírito Santo que nos conduz “à verdade completa” (Jo 16,13), comprometemo-nos a regressar às nossas raízes baptismas em Cristo e ao Seu Evangelho para aprofundarmos o conhecimento da nossa profissão de fé; para vivermos as nossas promessas baptismas em todos os sectores da vida e para suscitarmos um novo ímpeto e zelo pela missão, a fim de construirmos uma África Nova e centrada em Deus, em benefício de todos os nossos irmãos e irmãs.

2. Avançando com zelo, desejamos viver sempre no espírito jubilar a nossa pertença a Deus, o arrependimento por todas as nossas faltas e nos conformarmos plenamente com a Nova Aliança oferecida em Cristo. Como Família de Deus, desejamos manifestar a nossa gratidão a Deus pela Sua presença contínua na nossa vida quotidiana, pessoal e comunitária. Comprometemo-nos a viver e a trabalhar, cada vez mais, juntos como Família de Deus, buscando vida e força na Eucaristia e na Palavra de Deus para sermos sinais, cada vez mais visíveis e credíveis, em África, do “Reino da verdade e da vida”, “da santidade e da graça”, “da justiça, do amor e da paz”.¹ Situamos esta iniciativa do Jubileu de Ouro do SCEAM no contexto do grande Jubileu de Nosso Senhor Jesus Cristo, recordando o apelo do Papa João Paulo II, em *Nuovo Millennio Ineunte*, acada Igreja, para reflectir sobre a sua experiência jubilar, e a partir

¹ Prefácio da Missa de Cristo Rei do Universo



desta reflexão, dar a sua contribuição para um modo renovado de ser Igreja.²

3. No mesmo âmbito, apelamos a todo o povo de Deus em África e Madagáscar para que veja este *Documento de Kampala* não como uma mera agenda de renovação da fé ou de transformação da vida da Igreja em África, mas como um apelo a participar a nível pessoal e comunitário neste espírito de renovação. A todos convidamos a contribuir, com a sua experiência, nesta reflexão e nesta acção conjunta.

4. Baseando-nos na caminhada de fé da Igreja em África, especialmente ao longo dos cinquenta anos de vida do SCEAM³, e recordando a exortação do Papa Paulo VI, “*Africanos, sede missionários de vós próprios*”⁴, propomos este Documento como ponto de partida para as orientações a serem seguidas pelo povo de Deus em África e Madagáscar, convidando-o a celebrar alegremente, com fé, esperança e amor, a sua vida e a sua missão em Cristo, como Igreja-Família de Deus.

5. O tema deste Documento, «*Para que conheçam a Cristo e tenham a vida em abundância*», inspira-se nos ensinamentos de Jesus sobre a natureza e o propósito da Sua missão, assim como nos desafios e esperanças de África. No decurso do Seu ministério, Jesus declarou que Ele, o Bom Pastor, veio para que «*todos tenham a vida e a tenham em abundância*» (Jo 10,10). Na Sua oração “balanço” a Deus pela sua missão cumprida (Jo 17), Ele declarou: «*A vida eterna é que eles te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*» (Jo 17,3). As diferentes partes deste Documento destacam questões-chave da reflexão teológica e pastoral sobre o referido tema, para a vida e a missão da Igreja-Família de Deus em África.

2 Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Nuovo Millennio Ineunte*, No Início do Terceiro Milénio (Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001), 3.

3 SCEAM foi criada em Kampala, em 29 de Julho de 1969. O Jubileu de Ouro é celebrado em 29 de Julho de 2019.

4 PAPA PAULO VI, *Homilia na celebração eucarística de encerramento do Simpósio organizado pelos Bispos de África*. Kampala (Uganda) 31 de Julho de 1969, Libreria Editrice Vaticana, 1969.

6. A primeira parte convida-nos a reconhecer primordialmente que Jesus veio entre nós em África. Em seguida, apresenta-nos os contextos em que O recebemos, as formas como pregámos o Evangelho, e sobretudo o caminho percorrido, como Igreja em África, desde o nascimento do SCEAM em Kampala, em 1969. Identifica, por último, as razões da acção de graças a Deus por este período, na esperança de novas graças para um zelo missionário renovado.

7. Na segunda parte, recordamos que “a todos quantos O receberam”, Jesus “deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (Jo1,12). Continuar a crescer nesta vida divina requer de nós que encontremos e aprendamos a conhecer Jesus e a viver n’Ele, com Ele e como Ele, a nova vida recebida de Deus no Baptismo. Devemos viver esta vida não apenas individualmente, mas como Igreja Família de Deus, pois, só assim construiremos esta Igreja-Família de Deus com maior determinação ainda em relação ao que mostramos para as nossas famílias humanas.

8. Na terceira parte do Documento, somos convidados a reflectir sobre a necessidade de “nos arrependermos e acreditarmos no Evangelho” (Mc 1,15), a fim de trabalharmos na transformação do mundo. Os desafios com os quais nos confrontamos hoje são sócio-culturais, políticos, económicos, éticos e ecológicos. O Evangelho de Cristo crucificado e ressuscitado é nossa força. Não devemos ter vergonha d’Ele. Ele nos convida a mudar a nossa mentalidade, a levar em conta estes novos desafios pastorais e a repensar a formação dos mensageiros do Evangelho. Enfrentar os desafios de hoje para uma nova África exige também uma espiritualidade de acção e de compromisso, um profundo desejo de construir a Igreja Família de Deus como presença visível do Reino de Deus entre nós e um sinal seguro da nossa esperança eterna.

9. Concluimos o Documento com algumas considerações sobre as novas formas de missão para uma nova África, enraizada na Boa Nova de Deus, cujos filhos e filhas são mais do que nunca missionários para todas as nações (*Ad gentes*).



10. Com uma inabalável confiança na solicitude de Deus Nosso Pai, sustentados pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, e crendo no poder do Espírito que habita em nossos corações e renova a face da terra, exortamos todo o povo de Deus a acolher este Jubileu do SCEAM como um verdadeiro *kairos* para uma nova vida em Cristo, e este *Documento de Kampala* como um instrumento pastoral para um novo compromisso missionário no seguimento de Cristo. Ainda hoje, o Ressuscitado convida-nos a irmos, a todas as nações, fazer discípulos (cf. Mt 28,19); a proclamarmos a Boa Nova do amor incondicional de Deus por todas as criaturas (Mc 16,15) e a trabalharmos de maneira concertada e colaborativa em favor de uma África nova e renovada. A utilidade pastoral deste Documento dependerá do compromisso dos Indivíduos, das Famílias, das Comunidades Eclesiais, das Paróquias, das Dioceses e das Instituições de Formação e de Ensino Técnico a tornarem vivo o seu conteúdo nas suas vidas e em contextos individuais e comunitários. O SCEAM, ele próprio, compromete-se a responder com zelo à sua missão de trabalhar para assegurar a unidade e a coesão da Igreja- Família de Deus; uma comunhão eclesial necessária para o novo compromisso missionário no Continente Africano, em Madagáscar e nas outras Ilhas adjacentes.



PRIMEIRA PARTE: ELE VEIO A NÓS (cf. Jo 1, 11a)

I.1. CONTEXTO DA MISSÃO

11. Terra hospitaleira de Cristo e da Sua Boa Nova, África o foi desde o início, ao limiar do cumprimento da nossa salvação.

O Verbo de Deus feito carne, fugindo da barbárie de Heródes, veio até nós para que as Escrituras se cumprissem (cf. Mt 2,14-15). Simão de Cirene, um africano, ajudou Jesus a carregar a sua cruz no caminho para o Calvário (cf. Mc 15,21) e « *participou, ao preço do seu próprio sofrimento, na tristeza infinita d'Aquele que estava a redimir todos os homens, incluindo os seus verdugos* ». ⁵ No dia de Pentecostes, cidadãos de Regiões Africanas estavam presentes em Jerusalém: do Egipto e das regiões da Líbia, perto de Cirene (cf. Act 2,10). África, através do Eunuco Etíope, regressando da peregrinação em Jerusalém, foi tocada pelo Evangelho no caminho para Gaza (a porta do Egipto) - (cf. Act 8,27-39). Os africanos Simeão chamado Níger e Lúcio de Cirene ministravam ensinamentos aos profetas e aos doutores já na primeira comunidade cristã em Antioquia, onde Judeus e Gentios viviam juntos. Foi desta Comunidade que nasceu a Missão Universal da Igreja através da obra de Paulo e Barnabé (cf. Act 11,19-21; 13,1-3). “E é em Antioquia que, pela primeira vez, o nome de “cristãos” foi dado aos discípulos” (cf. Act 11, 26). De Alexandria, África, através de Apolo, foi para Éfeso levar a Boa Nova e receber a efusão do Espírito Santo (Act 18, 24-28).

12. O anúncio do Evangelho continuou ao longo dos primeiros séculos, permitindo a emergência de uma Igreja Africana, que foi um centro de grande influência teológica e espiritual na Era Patrística, com Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, Cipriano, Agostinho, Mónica, Perpétua e Felicidade, António e Pacómio, entre outros. A esta Época de Ouro, sucederam outros períodos significativos, que conduziram

⁵ PAPA BENTO XVI, *Encontro com o mundo do sofrimento. Discurso no Centro Cardeal Paul Emile Leger em Yaoundé (Camarões)*, 19 de Março de 2009.



à implantação, em todo o Continente Africano, de uma Igreja cheia de vida, como recorda a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Africa* do Papa João Paulo II (n° 30-34).

13. É esta Igreja que celebra, na acção de graça, o Jubileu do seu símbolo de unidade e de comunhão na Missão, o SCEAM, criado em Kampala (Uganda), a 29 de Julho de 1969. Ela o faz na consciência das mudanças ocorridas ao longo da história do seu contexto de Missão e das suas formas de compromisso ao serviço do Evangelho em Terra Africana. Por este caminho percorrido, sinal da fidelidade de Deus, ela deseja, acima de tudo, agradecer.

Evolução do Contexto da Missão

14. 25 anos após a realização da I Assembleia Especial para África do Sínodo dos Bispos, por ocasião da qual o Espírito Santo confiou à Igreja em África a tarefa histórica, no início do novo milénio, de edificar-se como “Família de Deus”, o Senhor acaba de reunir em Kampala os seus filhos e filhas para conceder-lhes a oportunidade de ouvir novamente a exortação do Papa Paulo VI: «*Vós, Africanos, sois doravante missionários de vós próprios*» (Kampala, 1969).⁶ Se este apelo histórico permanece mais do que nunca actual, o contexto do novo envio missionário mudou muito desde 50 anos.

15. Em 1969, as jovens Nações Africanas, cuja maioria acabava de ascender à soberania nacional, após um século de colonização e quatro séculos de escravatura, viviam a euforia da independência. No entanto, vários sinais precursores mostravam aqui e ali que o Continente Negro partia politicamente com o pé errado. O sonho do panafricanismo que levou à criação da Organização da Unidade Africana (O.A.U.) em 1963, confrontou-se, muito cedo, com a dura realidade da geopolítica internacional, segundo a qual a independência não se oferece, mas conquista-se. Mais ainda, com nações sob tutela e Estados em difícil construção, ritmados por repetidos golpes de Estado, as guerras

6 PAPA PAULO VI, *Homilia na Celebração Eucarística de encerramento do Simpósio dos Bispos Africanos*. Kampala (Uganda) 31 de Julho de 1969.

de libertação política que continuavam a ser travadas nas colónias portuguesas e a política do apartheid, numa África teoricamente independente, tinha iniciado muito cedo a cair no desencanto.

16. Os 50 anos já passados, desde o apelo de Kampala, foram testemunhas dos sonhos de soberania política africana quebrados: sonho das independências, sonhos de um socialismo africano, sonhos de uma autenticidade africana, sonho revolucionário. O último sonho de democracia encontra dificuldades, em muitas partes do Continente, em traduzir-se numa realidade. Nos últimos anos, as questões de governação assumiram maior importância: insegurança nacional, insegurança civil, instabilidade administrativa e jurídica. Vários focos de tensões sócio-políticas são perceptíveis ainda em África.

17. No plano económico, durante este meio século, África encontrou também dificuldades no sentido de uma descolagem do desenvolvimento. Prisioneira de um sistema comercial internacional desigual e injusto, em que as matérias-primas são vendidas ao desbarato, África não conseguiu dotar-se de recursos necessários para o seu crescimento económico. Os vários planos de desenvolvimento elaborados ao longo destas décadas não foram capazes de produzir os resultados esperados. O Plano de acção de Lagos (1980), aprendendo com a experiência do fracasso dos planos nacionais dos anos sessenta, e tendo por ambição, proporcionar uma base sólida ao desenvolvimento endógeno de África, não resistiu, infelizmente, perante a onda dos Planos de Ajustamento Estrutural (PAE) elaborados pelas Instituições de Bretton Woods, com um pesado custo social para o Continente. Nem o Plano Omega, nem o Plano Millennium Africano, nem a Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD), que é uma espécie de fusão dos dois primeiros, conseguiram colocar o Continente em órbita. Agora que todas as esperanças estão depositadas na Agenda 2063 da União Africana “*A África que queremos*”, é de temer que as próximas décadas se concentrem mais na gestão de situações de segurança, tendo como pano de fundo as ideologias religiosas, como as que prevalecem hoje no Sahel.

18. Paradoxalmente, África que, na sua globalidade, é apresentada na cena internacional como o eterno mendigo em vias de marginalização e de subdesenvolvimento crónico, foi dotada por Deus de imensos recursos naturais. A questão que um número elevado de africanos se coloca hoje é a surpreendente sobreposição entre o mapeamento dos conflitos em África e o mapeamento dos recursos mineiros e de gás do Continente. Enquanto os irmãos africanos guerreiam-se interminavelmente uns contra os outros pelo controlo do aparelho político dos países, as companhias multinacionais continuam o seu trabalho de prospecção e exploração do subsolo africano com a cumplicidade de um punhado de alguns africanos.

19. Os importantes recursos humanos que África também possui - e cujos talentos são geralmente aproveitados pela Comunidade Internacional - não têm, na verdade, um impacto decisivo na vida do Continente. África continua a desmoronar-se sob o peso de uma dívida multilateral cuja lógica interna é aumentar a sua dependência, hipotecando assim o futuro de várias gerações de africanos.

20. No plano social, os desafios que África está a enfrentar não são menos significativos. Com um crescimento populacional notável - interpretado como uma ameaça ou uma oportunidade - África está tornar-se, após o Continente Asiático, o Continente onde se perspectiva o futuro próximo da Humanidade. Os desafios educacionais inerentes a esta situação, o ritmo acelerado da urbanização do Continente, os efeitos da revolução digital, a pare do desenvolvimento das redes sociais que chegam aos africanos mesmo nas aldeias outrora longínquas, são indicadores, bem significativos, das profundas mudanças que ocorrem hoje em África.

21. Toda essa mudança social está em curso no meio de uma preocupante ordem internacional. O fim da Guerra Fria tinha suscitado esperanças de um degelo nas relações internacionais tensas. No entanto, em vez dos dois blocos (Leste-Oeste), constituíram-se novos blocos: em torno da situação no Próximo e Médio Oriente e de um eixo geopolítico anteriormente apresentado como “o eixo do mal”, em torno da ascensão de uma nova forma de terrorismo internacional, com a sua conotação religiosa. A estes fenómenos, acrescenta-se a difícil gestão

das repercussões da crise financeira que abalou o mundo nos anos 2008, as ameaças que pesam hoje sobre o meio ambiente com um modo de industrialização e de tecno-ciência que contribui numa degradação acelerada da “*casa comum*”⁷, em suma, todas as coisas de que África é dramaticamente alvo.

22. Neste contexto difícil de uma África em trabalho de parto para uma plena libertação, a Igreja foi desde muito cedo solicitada para acompanhar as esperanças e as ansiedades de um povo chamado a assumir a responsabilidade do seu destino. Ela conseguiu responder a este apelo, somente a partir do momento que ela própria começou a tomar consciência de que, como povo de batizados, libertados por Cristo Redentor, não poderia mais continuar a ser uma “Igreja sob tutela”; por isso, deveria assumir a sua responsabilidade missionária para com a sua terra - África - e também para com a Igreja Universal.

⁷ Cf. PAPA FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato si'. Sobre a salvaguarda da casa comum*, Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2015, 19.



I.2. O COMPROMISSO DA IGREJA EM ÁFRICA: O SCEAM, DE ONTEM A HOJE

23. Fundada para o anúncio da Boa Nova, a Igreja em África compreendeu a sua missão histórica neste Continente, sobretudo à luz desta exigência de evangelização: «*Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho*» (1 Cor 9, 16).

24. No nascimento do SCEAM, um dos principais actos do Episcopado Africano foi lembrar, em 30 de Julho de 1969⁸, os valentes missionários que Deus utilizou para trazer a Boa Nova em Terra Africana. I Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos, 25 anos depois, foi também uma oportunidade, para a Igreja do Continente recordar os Santos Mártires, Virgens e Confessores que ela já deu à Igreja Universal e cujas vidas oferecidas são sementes de vida cristã para todos.⁹ Na sequência dos passos destes Pioneiros, a sucessão missionária continua, com os novos desafios que surgem.

25. Os sinais desta sucessão missionária tornaram-se visíveis em toda a parte: o nascimento de novas Comunidades Cristãs graças ao empenho dos Catequistas, o aumento do número dos Baptizados, o aumento significativo das Vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, a erecção de novas Dioceses, a constituição de Conferências Episcopais Nacionais e Regionais e, por fim, a nível continental, a criação de um Simpósio das Conferências Episcopais da África e de Madagáscar (SCEAM).

26. A opção feita em Kampala em 1969 não pretendia criar um novo órgão jurídico sobreposto às Conferências Episcopais, mas sim uma forma flexível de organismo ao seu serviço, com o objectivo de definir as linhas gerais do apostolado, assegurar a inter-comunicação e permitir a necessária coordenação entre o apostolado de todas as Regiões de

8 Homilia do Bispo Jean ZOA, Kampala, 30 de Julho de 1969 in *Actas da primeira assembleia plenária do Simpósio das Conferências episcopais de África e Madagáscar*, Kampala, 28-31 de Julho de 1969, p. 51-53.

9 Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica pós-sinodal, Ecclesia in Africa*, (14 de Setembro de 1995), Libreria Editrice Vaticana, 1995, 35-37

África; daí a escolha do nome de “*simpósio*”. Duas grandes linhas de acção foram escolhidas: informação e estudos. Para os Padres Fundadores do SCEAM, este corpo de sinodalidade e de coordenação pastoral deveria ser aproximado das instituições de investigação então existentes¹⁰: o *Instituto Pastoral Ggaba* de Kampala, em Uganda, chamado ainda *Instituto Pastoral AMECEA* (API/Ggba)¹¹, o *Centro de Pastoral Catequética e Litúrgica* ou *Instituto Catequético Africano* (ICA) de Butaré, no Ruanda¹², o *Centro de Pesquisa e Estudos das Religiões Africanas* (CERA)¹³ ligado a Lovanium, no Congo-Kinshasa, o *Instituto Superior de Cultura Religiosa* (ISCR)¹⁴, em Abidjan, em Costa do Marfim, o *Instituto Africano para o Desenvolvimento Económico e Social* (INADES)¹⁵, ainda em Abidjan e o *Centro de Estudos Económicos Sociais da África Ocidental* (CESAO)¹⁶, em Bobo-Dioulasso,

10 Cf. *Actas da primeira assembleia*, p. 109.

11 A decisão da AMECEA (*Association of Member Episcopal Conferences in Eastern Africa*) – a mais antiga Associação regional das Conferências Episcopais em África – de fundar o Instituto Pastoral de Ggaba remonta a 1967. A abertura efectiva aconteceu a 1 de Fevereiro de 1968. Por razões políticas, o Instituto foi transferido a Eldoret (Kenia) em 1976. Hoje, o Instituto está incorporado na *Catholic University of Eastern Africa*.

12 Este Centro foi fundado em Julho de 1962 (o primeiro em África) pela Associação das Conferências Episcopais do Ruanda e do Burundi (ACOREB). Em 1967, tinha cerca de 151 estudantes de diversas nacionalidades: Africanos, Europeus e Americanos. Em 2001, foi transferido a Musinga no Burundi.

13 Fundado a 26 de Maio de 1966, sob a égide da Faculdade de Teologia Católica da Universidade Lovanium, o CERA recebeu o apoio do Conselho Permanente dos Bispos do Congo-Kinshasa, por ocasião da Sessão de Julho de 1966. Teve como primeiro Director, o Padre Vincent Mulago. Em 1967, o CERA publicou o primeiro exemplar duplo da sua Revista semestral chamada “*Cahiers des Religions Africaines*”.

14 Fundado em 1968 pela Conferência Episcopal Regional da África Ocidental (CERAO), ISCR tornar-se-á em 1977 Instituto Católico da África Ocidental (ICAO), depois, em 2000, Universidade Católica da África ocidental (UCAO).

15 O INADES é um Instituto criado em 1962 em Abidjan pela Companhia de Jesus ao pedido dos Bispos da CERAO desejosos de dotar-se de um centro de reflexão cristão na esfera da sociedade. Este centro beneficiou com a experiência da Acção Popular/Centro de pesquisa e de acção social (Vanves em França) e do apoio do Presidente Félix Houphouët-Boigny (Costa do Marfim). Em 2002, o INADES tornou-se Centro de Pesquisa e de Acção para a paz (CERAP), o qual é hoje Centro universitário ligado à UCAO.

16. O CESAO foi criado em 1960 pelos Missionários de África para acompanhar os jovens Estados da África Ocidental recentemente independentes no caminho do desenvolvimento económico e social. Hoje, Associação não governamental com vocação internacional, o CESAO cuja tutela eclesiástica é assegurada pela

em Alto Volta. Os Padres Fundadores queriam mostrar com isso a necessidade de sustentar a pastoral pela pesquisa teológica e permitir que esta se elabore a partir da vida das Comunidades Eclesiais.¹⁷

27. Os temas importantes que estavam, naquela época, no centro das preocupações da Igreja em África giravam à volta, primeiramente, da formação do Clero, dos Catequistas e dos Leigos. A questão central era, essencialmente, a formação de um capital humano equipado para a sucessão missionária. Um Congresso panafricano do apostolado dos Leigos tinha sido planeado para 1971. Entretanto, um inquérito científico tinha sido realizado já em 1970 à volta da situação dos Catequistas na obra missionária. Os Pais Fundadores do Simpósio, no seu conjunto, defendiam a ideia da manutenção dos Seminários Maiores e Menores. De igual modo, apelavam para a implementação de um método adaptado para a formação do Clero, com a introdução, “no currículo, de disciplinas como a Sociologia”¹⁸. Esta preocupação do SCEAM nascente visava abrir os Seminaristas às novas técnicas, a fim de os capacitar para uma pastoral de diálogo esclarecido com a elite intelectual africana, sem prejudicar a formação teológica tradicional¹⁹.

Conferência Episcopal Burkina-Níger, está presente no Burkina Faso, no Níger, no Mali, no Senegal, no Chade, na Guiné, em Costa do Marfim, no Togo e no Benim.

17. Na sequência das instituições de pesquisa teológica e pastoral acima citadas várias outras vão nascer em África: o Catholic Institute of West Africa (CIWA) fundado em 1981 em Port Harcourt (Nigéria) pela Association of Episcopal Conference of Anglophone West Africa (AECAWA); a Universidade Católica da África Central (UCAC) fundada em 1989 pela Associação das Conferências Episcopais da região de África Central (ACERAC); o St Augustine College of South Africa fundado em Joanesburgo em 1999, e canonicamente erguida pela South African Bishops' Conference em 2008, etc. Estas instituições universitárias estão congregadas no seio da Associação das Universidades e Institutos Superiores Católicos de África e de Madagáscar (ASUNICAM) fundada em Abidjan em 1989 e cuja sede está hoje em Mwanza na Tanzânia.

18 *ACTAS da Primeira Assembleia Plenária...* p. 20 “Devemos, diz o Cardeal Zoungrana, procurar uma formação mais adaptada para a África de hoje. A África está a entrar neste momento numa cultura técnica, e isto por necessidade. Devemos procurar o que deve ser a nossa contribuição nesta nova cultura: não o fazemos suficientemente nos nossos seminários”. (*ibid.*).

19 *ACTAS da Primeira Assembleia Plenária...* Anexo XXVIII, p. 108. Para o Dom Hyacinthe Thiandum e os Padres fundadores do Simpósio, “a escassez do pessoal que sofre a obra de evangelização tem a sua verdadeira solução na formação e

As soluções dos problemas no campo da evangelização tinham que ser procuradas dentro da África e não impostas de fora, mesmo quando questões semelhantes surgissem em outros lugares: «*O Evangelho é uma semente de vida e a Igreja em África deve desenvolver-se e construir-se através da sua própria vitalidade na participação da vida da Igreja Universal; compete-lhe definir os seus próprios objectivos e prioridades apostólicas*», dizia o Cardeal Paul Zoungrana aos seus irmãos no Episcopado.²⁰

28. Outras questões de grande relevância estavam na agenda do SCEAM nascente, tais como: a promoção de uma teologia oficial do desenvolvimento social e nacional, o problema da autonomia financeira das Dioceses, as comunicações mais directas entre os Dicasterios da Santa Sé e as Conferências Episcopais e ainda o projecto de inter-comunicação entre a África Francófona e a África Anglófona.

29. Na II Assembleia Plenária do SCEAM em 1970, em Abidjan (Costa do Marfim), identificou-se a necessidade de se criar uma Comissão Continental de “Justiça e Paz” que colaborasse com as Comissões Nacionais e Regionais, e simultaneamente, trabalhasse com a Pontifícia Comissão de Justiça e Paz. Na mesma Assembleia, os Bispos tornaram a debater sobre a questão da formação do Clero local e dos Catequistas, preocupados com o imperativo de se ter Agentes Pastorais bem formados.

30. A III Assembleia Plenária, realizada em Kampala (Uganda) em 1972, analisou as possíveis vias e meios para uma acção pastoral mais eficaz na dimensão temporal: a formação dos Leigos, com a criação de Estruturas panafricanas dos Leigos e a identificação de prioridades para o apostolado dos Leigos em África. Além disso, falou-se também da colaboração entre Clero, Leigos e Religiosos na vinha do Senhor; da colaboração com os Protestantes e os Adeptos de Religiões Não Cristãs, na acção social. Por fim, foi igualmente, criada uma “Comissão para os Assuntos Internos de África” (C.A.I.A.), uma Comissão apolítica cuja missão era ajudar as

na participação de todos os membros do Povo de Deus, cada um segundo a sua vocação própria” (*ibid.*).

²⁰ ACTAS da Primeira Assembleia Plenária do Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagascar, Kampala, 28-31 de Julho de 1969, Anexo II, p. 37.



Conferências Episcopais a assumirem as suas responsabilidades no que diz respeito às situações sócio-políticas nos seus territórios de jurisdição.

31. A IV Assembleia Plenária, reunida em Roma (Itália) em 1975, cujo tema principal foi “*Evangelização em África hoje*”, constituiu uma oportunidade para o Episcopado Africano de reafirmar ao mundo que a Igreja Católica em África estava firmemente enraizada: uma Igreja Africana com a sua própria voz, as suas próprias características, o seu próprio rosto.

32. Para continuar neste caminho, a Igreja em África precisava fazer um inventário dos seus próprios recursos, reforçar o papel dos Catequistas, envolver mais as Congregações Religiosas no trabalho pastoral, responsabilizar os Fiéis Leigos não só no domínio da pastoral, mas sobretudo no campo político. A estrutura designada por Encontro de Colaboração Africana (R.C.A.), instituída em 1974 entre os membros do Conselho Permanente e os Superiores Gerais, é um belo exemplo de co-responsabilidade na missão de evangelização. Tendo em conta o dinamismo do Conselho Pan-Africano dos Leigos, nascido após o Seminário de Acra (Gana) em 1970, foi submetida à Assembleia a ideia da criação de um Secretariado Permanente para os Leigos. Os Bispos sublinharam, mais uma vez, o papel dos Fiéis Leigos no estabelecimento e na promoção de um diálogo permanente e sustentado entre o Clero e os Líderes Políticos. Neste aspecto, a Comissão para os Assuntos Internos de África foi elogiada pelo trabalho realizado num curto espaço de tempo.

33. A V Assembleia Plenária dedicada ao tema “*A Vida da Família Cristã em África Hoje*” reuniu-se em Nairobi (Quênia) em 1978. Nela foram tratadas questões relacionadas com o Matrimónio, a Educação Religiosa dos Jovens e o papel da Família Cristã na Evangelização. Outras questões importantes foram também discutidas: a Igreja e o Islão na África Negra e o Apostolado Bíblico. Esta V Assembleia permitiu igualmente à Comissão para os Assuntos Internos de África, ao Secretariado Pan-Africano dos Leigos e ao Encontro de Colaboração Africana fazerem o balanço das suas actividades. Os trabalhos da Assembleia concluíram-se com uma importante e histórica Declaração sobre Justiça Social em África.

34. Na VI Assembleia Plenária ocorrida em Yaoundé (Camarões), em 1981, as questões da Família e Matrimônio e da Justiça foram retomadas, com uma particular preocupação, atendendo à situação dos refugiados no Continente. Estas questões levaram à publicação de uma “*Exortação a todos os Trabalhadores Apostólicos sobre a Justiça e a Evangelização em África*” e de uma “*Declaração sobre o Respeito e a Promoção da Vida Humana*”. Durante a mesma Assembleia, foi iniciada uma reflexão sobre o reconhecimento do SCEAM pela Santa Sé.²¹

35. Por ocasião desta mesma Assembleia Plenária do SCEAM, criou-se um Centro Bíblico Católico para África e Madagáscar (BICAM), órgão oficial do SCEAM para a promoção, organização e coordenação do Apostolado Bíblico e das Traduções Bíblicas nas línguas locais africanas. Com a criação deste órgão, ficou suspenso o “Serviço África” da Federação Católica Mundial para a Pastoral Bíblica (WCFBA), que o SCEAM tinha incumbido a missão de avaliar a viabilidade deste Apostolado Bíblico.

36. A VII Assembleia Plenária, realizada em Kinshasa (República Democrática do Congo) em 1984, tratou, na sequência da precedente, da questão da revisão dos Estatutos do SCEAM para fazer deste Órgão um instrumento pastoral mais forte. Mas o tema da promoção humana foi central nesta Assembleia. Em Kinshasa, foi possível perceber a intensificação do trabalho missionário realizado, ao longo dos anos, pelas várias Comissões do SCEAM: Comissão para os Assuntos Internos de África, Comissão para os Refugiados, Comissão para as Relações com o Islão, Comissão Teológica (COMITEOL), Comissão Bíblica (COMIBIBLIA), Comissão Episcopal Pan-Africana para as Comunicações Sociais (CEPACS), Gabinete da Coordenação Pan-Africana dos Leigos, Secretariado Regional da Educação Católica para África e Madagáscar, Comissão para a Justiça e Paz. Foi em Kinshasa que, pela primeira vez, foi

21 O Cardeal Paul Zoungrana fez uma comunicação sobre o “*SECAM como instrumento de colaboração episcopal para a evangelização em África e Madagáscar*”. In: *ACTAS da sexta Assembleia Plenária do Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar*, Yaoundé, de 29 de Junho-5 de Julho de 1981, p. 14.



apresentada ao Episcopado de todo o Continente a ideia de um Concílio Africano.²²

37. A VIII Assembleia Plenária, realizada em Lagos (Nigéria) em 1987, tornou a abordar a questão relativa à história do SCEAM para colocar o problema da sua natureza jurídica e o futuro da sua missão em África. Os relatórios do grupo de trabalho sobre os estatutos foram examinados nesta sessão. Foi nesta Assembleia que foi adoptada a “*Declaração sobre o SCEAM (Avaliação e Recomendação para o Futuro)*”. Esta Declaração de Lagos, articulada em três partes, fez primeiramente uma avaliação sobre o passado e o presente do SCEAM. Em seguida, procurou redefinir a identidade e os principais objectivos deste Órgão e, finalmente, deu recomendações e orientações para o futuro. Os quatro pólos principais que foram identificados como tendo orientado as actividades do SCEAM são:

- ✓ A responsabilidade de conduzir a Igreja em África à sua plena maturidade;
- ✓ A formação adequada dos Agentes Pastorais e a participação activa dos Leigos;
- ✓ A tarefa de inculturação do Cristianismo;
- ✓ A Igreja de África e a Evangelização Integral dos indivíduos e da sociedade.

38. O extraordinário desenvolvimento estrutural que tem tido o SCEAM, com diferentes Regiões e as suas Comissões de trabalho, tornava necessária uma redefinição da sua identidade e dos seus objectivos. Para essa mesma redefinição, serviu-se do quadro legal referente ao n.º 22 do Decreto conciliar *Ad Gentes*²³ que se relaciona com o necessário reexame de toda a Tradição Eclesial em cada grande

²² A proposta foi trazida por Dom Laurent Monsengwo Pansinya, na altura Presidente do Comiteol. A ideia de um “Concílio africano” tinha já sido sugerida alguns anos atrás aos Bispos da CERAO por Alioune Diop, e foi mesmo objecto de uma recomendação no fim do Colóquio sobre “Civilização negra e Igreja Católica” organizado em Abidjan, em 1977 pela Sociedade Africana da Cultura (SAC).

²³ Documentos do Concílio Vaticano II, *Decreto Ad Gentes sobre a Actividade Missionária da Igreja*, (Cidade do Vaticano: 1965)

território sócio-cultural. Compete, neste caso, ao SCEAM o papel de coordenar os esforços das Conferências Episcopais dos diversos Países e Regiões da África, com vista a prosseguir a Evangelização em profundidade e a inculturação da mensagem cristã, em África.

39. Os novos desafios com os quais a Igreja em África estava confrontada, eram:

- ✓ A imensidão da população à qual o anúncio inicial do Evangelho não tinha ainda sido feito;
- ✓ A posição adequada perante o Islão e a Religião Tradicional Africana (RTA);
- ✓ O desafio da Inculturação;
- ✓ O desafio da Justiça e do Progresso Humano em África;
- ✓ O desafio da Formação de Agentes Pastorais;
- ✓ O desafio da Unidade.

Dentre as principais perspectivas, regista-se:

- ✓ A organização de um grande Simpósio ou Congresso Internacional sobre “*Ad Gentes* e o Futuro da Missão em África”;
- ✓ A criação de uma Comissão Pan-Africana de Justiça, Paz e Desenvolvimento;
- ✓ A formalização das Relações com a Organização da União Africana (OUA);
- ✓ O esforço de Auto-Financiamento para o SCEAM;
- ✓ O Concílio Africano, entre outras.

40. A IX Assembleia Plenária, sucedida em Lomé (Togo) em 1990, debruçou-se sobre a questão relativa à preparação, não de um Concílio, mas de um Sínodo especial para África²⁴. O Secretário Geral do Sínodo

²⁴ Papa João Paulo II anunciou a sua convocação, a 6 de Janeiro de 1989.



dos Bispos veio pessoalmente apresentar à Assembleia o conteúdo dos *Lineamenta*. Quanto às restantes tarefas da Assembleia de Lomé, o tema central abordado foi a “*Evangelização em África através dos Meios de Comunicação*”. Foi elaborado um documento de trabalho para este fim. A Comunicação, na verdade, foi uma das maiores preocupações dos Pais Fundadores do SCEAM.

41. A X Assembleia Plenária realizou-se em Roma (Itália), a 5 de Maio de 1994, à margem da 1ª Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos (10 de Abril - 8 de Maio de 1994). Consistiu essencialmente na eleição dos novos membros do Conselho Permanente.

42. A XI primeira Assembleia Plenária, ocorrida em Midrand (África do Sul) em 1997, fixou-se como tarefa principal reflectir sobre a opção eclesiológica adoptada pela Igreja em África, no Sínodo de 1994, de se construir como “Igreja-Família de Deus”. O facto de o SCEAM, como Órgão, não ter desempenhado um papel decisivo na preparação imediata e na condução do Sínodo, levou os membros da Assembleia a colocar, mais uma vez, a questão da reestruturação do seu órgão de solidariedade pastoral. O Conselho Permanente, no entanto, já em 1995, tinha feito propostas nesse sentido, propostas essas, que foram enviadas às Conferências Episcopais Nacionais e Regionais. Tratava-se de reexaminar a escolha dos Padres Fundadores que, embora tivessem à sua frente o modelo do Conselho Episcopal da América Latina (CELAM), preferiam a forma do *Simpósio*²⁵. Esta opção já tinha sido apresentada, numa primeira fase - mais flexível - de modo a não suplantar as Conferências existentes. Na verdade, para que o SCEAM assumira mais plenamente o papel de coordenação e de solidariedade pastoral orgânica reconhecido pelo Papa João Paulo II em *Ecclesia in Africa* (n.º 5), este Órgão necessitaria de um reforço jurídico. O Conselho Permanente foi mandatado para finalizar a Carta Pastoral do SCEAM intitulada: “*A Igreja-Família de Deus*”. *Instrumentum laboris*”, o que foi feito em 1998. Um outro documento de trabalho foi preparado para a Assembleia Plenária do Ano do Grande Jubileu.

25 Cf. *ACTAS da Primeira Assembleia Plenária...* p. 12.

43. A XII Assembleia Plenária reuniu no ano 2000 em Rocca di Papa, Roma, (Itália), em torno do tema: “*A Igreja-Família de Deus, Lugar e Sacramento de Reconciliação, Perdão e Paz em África*”. É durante esta Assembleia que foi tomada a decisão de consagrar a XIII Assembleia ao processo de re-estruturação do SCEAM sob o tema: “*O SCEAM e a sua Missão em África e Madagáscar*”.

44. A XIII Assembleia Plenária, realizada em Dakar (Senegal) em 2003, proporcionou uma oportunidade particular ao Episcopado Africano de realizar uma peregrinação a Gorée, 11 anos após o Papa João Paulo II (1992) ter apelidado este lugar, de memória colectiva africana: “*O Santuário da Dor Negra*”²⁶. Foi também um momento para a Igreja em África clamar a necessidade da inteligência africana sair do padrão binário em torno da escravatura: “vendido - comprador” para se abrir à responsabilidade histórica do “vendedor”, conduzindo os três ao pé da Cruz, onde somente o Inocente (Jesus Cristo) poderia restaurar em humanidade vendedores, compradores e vendidos. Esta Assembleia foi o momento alto e oportuno para prestar homenagem aos Pais Fundadores do SCEAM e para louvar o Senhor pelo caminho até então percorrido, mas lamenta-se que não se tenha conseguido levar a cabo a reestruturação do SCEAM, conforme desejado. Assim sendo, os grupos de trabalho centraram-se antes na ideia de uma reorganização do Secretariado Geral do SCEAM, tendo em vista um novo impulso, na fidelidade à opção dos Padres Fundadores.

45. A XIV Assembleia Plenária, realizada em Dar-es-Salaam (Tanzânia) em 2007, observando as melhorias no funcionamento da Secretaria-Geral, acentuou a necessidade da comunicação entre o SCEAM as Conferências Regionais e Nacionais, na medida em que o SCEAM apresenta-se como sendo um Órgão de coordenação, impulso e informação. Foi expressa também a questão da revitalização necessária do COMITEOL. Ocorreu também nesta Assembleia uma conferência sobre o II Sínodo para África, anunciado pelo Papa João Paulo II e confirmado pelo Papa Bento XVI para 2009.

26 PAPA JOÃO PAULO II, *Discurso à Comunidade Católica da Ilha de Goré na Igreja São Carlos Borromeu*, 22 de Fevereiro 1992, Libreria Editrice, Vaticana, 1992.

46. A XV Assembleia Plenária teve lugar em Acra (Gana) em 2010. Por esta ocasião, o SCEAM celebrou os seus 40 anos de existência (1969-2009) sob o tema: “*SCEAM aos 40 anos: auto-sustentabilidade. Perspectivas Futuras para a Igreja em África*”. Uma mesa-redonda em torno deste aniversário trouxe de volta ao centro dos debates a renovação necessária do compromisso de cada Bispo em favor dos ideais do SCEAM.

47. A XVI Assembleia Plenária, reunida em Kinshasa (República Democrática do Congo) em 2013, dois anos após a entrega da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae Munus*, foi dedicada ao tema: “*A Igreja-Família de Deus em África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz*”. Os membros da Assembleia reflectiram, entre outras coisas, sobre a continuidade entre *Ecclesia in Africa* e *Africae Munus* e também sobre o modo de implementar a Igreja-Família de Deus em África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz.

48. Com a Assembleia de Kinshasa, a revitalização desejada do COMITEOL tornou-se uma realidade. Também, uma reflexão iniciada em 2010 por iniciativa do Pontifício Conselho para a Cultura e da Congregação para a Evangelização dos Povos, apoiada pelo Conselho Permanente, levou à criação de um departamento dentro da Comissão para a Evangelização, tendo em vista a implementação do projecto: “Fé-Cultura-Desenvolvimento”.

49. A XVII Assembleia Plenária, que aconteceu em Luanda (Angola) em 2016, foi dedicada ao tema da Família, tema discutido em dois Sínodos realizados em Roma, em 2014 e 2015. A reflexão teológica e pastoral organizada a todos os níveis dentro da Igreja em África (Conferências Episcopais Regionais e Nacionais, COMITEOL, Universidades Católicas, Institutos de Formação, etc.) permitiu ao SCEAM levar uma mensagem clara à Igreja Universal sobre a vocação e missão desta instituição divina, que é a Família, e cujo futuro também condiciona o futuro da Humanidade. A Assembleia de Luanda foi finalmente uma oportunidade para toda a Igreja em África de se projectar para o Jubileu de Ouro do SCEAM, que coincidiria com a XVIII Assembleia Plenária deste Organismo criado em 1969

em Kampala, como expressão de uma recepção africana do espírito de colegialidade e de sinodalidade honrado pelo Concílio Vaticano II.

50. O caminho assim percorrido desde a fundação do SCEAM em 1969 até aos dias de hoje, é motivo de acção de graças. Se ao nível da organização e das estruturas, muito está por ser feito ainda, como demonstra o retorno periódico da questão da “reestruturação”, no entanto, um caminho significativo já se realizou, no que diz respeito à emergência de um sujeito eclesial africano. A opção de construir uma Igreja Família de Deus que faça das Comunidades Eclesiais Vivas, verdadeiros lugares teológicos e que se coloque resolutamente ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz, ofereceu à Igreja em África uma oportunidade histórica singular de contribuir de forma original na reflexão sobre a sinodalidade e a sua realização no seio da Igreja Universal.

51. « *Vós Africanos deveis ser missionários de vós próprios*»; « *Vós podeis e deveis ter um Cristianismo Africano* », Papa Paulo VI lançou este desafio em Kampala em 1969. Em 2019, precisamente em Kampala, a Igreja em África reafirma que Ela está em missão para com toda a Igreja e que, o seu Cristianismo Africano não será um Cristianismo Regional, mas uma expressão dentro da Igreja una, santa, católica e apostólica, confessando a Fé una e indivisível e colocando-se ao serviço da única Família Humana. É com este espírito que a Igreja em África celebra o seu Jubileu.





I.3. ACÇÃO DE GRAÇAS E CONVITE A UM NOVO IMPULSO PARA A EVANGELIZAÇÃO

52. O Jubileu é um momento maravilhoso! Ao celebrá-lo, os Cristãos de África honram o Deus da vida que se manifestou plenamente em Jesus Cristo. O Seu Espírito nunca deixou de conduzir a Sua Igreja e de fazer crescer a nossa fé como Africanos.

53. A Igreja em África dá graças pelos Mártires de Uganda, mas também por aqueles homens e mulheres que resistiram às forças da morte até ao martírio. Ela celebra a imensa multidão de testemunhas discretas do amor de Cristo no dia-a-dia das suas vidas. Agradece pelo trabalho de Pastores, Catequistas, diversos Movimentos do apostolado, Comunidades Eclesiais de Base²⁷, Estudiosos Bíblicos e Teólogos.

54. No Evangelho segundo São Lucas, Jesus dá pleno significado a este processo jubilar: proclamar o ano de graça do Senhor, anunciar a Boa Nova aos pobres, libertar os oprimidos, restaurar a paz no mundo (cf. Lc 4, 17-21). O Jubileu do SCEAM é, portanto, uma ocasião favorável para pedir a Deus que suscite no nosso Continente bons samaritanos para curar os corações e os corpos feridos por todas formas de violência, para refrescar os sedentos de paz e justiça, e para saciar os famintos de pão e da Palavra de Deus.

Mas, no contexto cultural africano marcado pela temática da vida, o Prólogo de São João confere uma nota especial à celebração jubilar.

E o Verbo Fez-se Carne

55. O Prólogo Joanino é uma escrita poética, que se prolonga numa prosa, numa narrativa. Tinha certamente uma função litúrgica, como se pode ver pela sua semelhança com os hinos cristológicos do Novo Testamento, que têm as suas fontes nos Salmos. O hino é essencialmente um elogio.

²⁷ As «Comunidades Eclesiais de Base» (BEC) são também denominadas «Comunidades Eclesiais Vivas» (LEC).

56. Já assim, no final do primeiro século, via-se as Comunidades Joaninas a celebrar em Jesus a vida feita carne, a verdadeira vida, que é uma nova aliança e um novo nascimento n'Ele. Quebrando todas as barreiras, Jesus faz viver da Sua Palavra e da Sua Carne. Luz da vida, Ele é também o verdadeiro Pastor que guia o Seu povo. Senhor da vida, Ele abre os seus Discípulos ao Espírito, ao amor e ao serviço. Mas como Senhor da vida, Ele confronta-se também com as forças da morte escondidas nos corações e estruturas tanto políticas, sócio-económicas quanto religiosas. A Sua vitória confirma que Ele é o Vivo, o Senhor e Deus da vida. Os Seus Discípulos, reunidos na Igreja, são chamados a ser sinais da Sua presença e do Seu amor de gratuidade e de dom.

57. Percebemo-lo muito bem na ocasião da 1ª Assembleia especial para a África do Sínodo dos Bispos: « *Como o “Verbo fez-se Carne e habitou entre nós (Jo 1,14), assim a Boa Nova, a Palavra de Jesus Cristo proclamada às nações, deve ser inscrita no local de vida daqueles que a ouvem* ». ²⁸

Esta acção de graças pela vida requer, portanto, um novo impulso para a missão.

Novo Ímpeto para a Missão

58. Assim como a Celebração da Eucaristia se prolonga no envio em missão, também a acção de graças jubilar convida-nos a um novo impulso missionário. No mesmo Prólogo Joanino, João Baptista mostra qual deve ser a missão do cristão. João não é nem a luz, nem a vida. A sua missão é dar testemunho do *Logos*. Ele se afasta para não ofuscar: apresenta-se apenas como a voz que grita no deserto e que abre o caminho para a Vida. Aliás, vemo-lo enviar alguns dos seus discípulos a Jesus, o Cordeiro de Deus. João é apenas o dedo que indica o caminho, que aponta para o Sol.

59. Esta discrição do profeta permite revelar Jesus, o verdadeiro Messias, o maior do que o Baptista. João, assim, lembra-nos que a tarefa do Crente não é tomar o lugar da Luz. As tendências messiânicas, a luta pelo poder e pela constituição de grupos de seguidores não estão em

28 PAPA SÃO JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 60.



consonância com a missão da Igreja. É nosso dever continuar o trabalho iniciado há 50 anos pelos Bispos, Sacerdotes, Pessoas Consagradas, Teólogos e Leigos, para favorecer a colaboração entre as Igrejas Africanas, a fim de tornar melhor conhecido Cristo, que nos dá a Vida em abundância.

60. Na verdade, é nossa missão implicarmo-nos na aspiração africana pela vida e dar testemunho do dinamismo criativo do Cristo Vivo. Com Ele, o valor sagrado da vida não é simplesmente um dado cultural a ser gerido. Ela é dom a receber constantemente. Ora, se a vida é apenas um bem cultural, o seu significado desvanecer-se-ia perante o desmoronamento actual dos valores culturais, sobretudo ao sabor de apetites egoístas. Pelo contrário, a vida é dada; como tal, deve ser cuidada; sobretudo, fazê-la emergir, aderindo Àquele que é a Ressurreição e a Vida. Ele nos incita a sermos, por nossa vez, a fonte da vida. É um apelo à responsabilidade criativa que deve manifestar-se a todos os níveis: pessoal e comunitário, sócio-cultural e político-económico, mas também ecológico.

61. O Papa Bento XVI ressalta-o tão bem: « *Na visão africana do mundo, a vida é vista como uma realidade que engloba e inclui os antepassados, os vivos e os não nascidos ainda, toda a criação e todos os seres (...). Esta ampla abertura do coração e do espírito da tradição africana predispõe-vos, queridos irmãos e irmãs, para ouvir e receber a mensagem de Cristo e compreender o mistério da Igreja, a fim de dar pleno valor à vida humana e às condições para a sua realização* ». ²⁹

29 PAPA BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Africae munus***, Libreria Editrice Vaticana, 2011, 69.



SEGUNDA PARTE: AOS QUE O RECEBERAM, DEU-LHES O PODER DE SE TORNAREM FILHOS DE DEUS (Jo 1,12)

II.1. ENCONTRAR CRISTO E CONHECÊ-LO

Aprofundar a nossa Fé

62. O Jubileu é um tempo de acção de graças, mas também um apelo a aprofundar o nosso encontro com o Senhor da vida, que se junta a nós na vida quotidiana e nos ilumina com a Sua Palavra. O *Logos*, a Palavra de Deus feita carne, veio para tomar os nossos caminhos da África. Ele nos chama ao seu encontro.

63. Para ser frutuoso, este encontro deve passar por uma leitura metódica e rigorosa da Palavra de Deus, que proteja as Comunidades Cristãs das leituras fundamentalistas, idólatras, míticas, esotéricas e, em última análise, desmobilizadoras. Este é o trabalho da Catequese Bíblica e do Ministério Pastoral em que o SCEAM está envolvido. Toda a Vida Pastoral e todos os Movimentos e Associações Eclesiais devem ser animados pela Palavra de Deus. Com efeito, a Palavra de Deus estrutura a Comunidade numa perspectiva missionária.

64. O Prólogo de São João é o texto que melhor fala deste encontro com o *Logos*. Neste Prólogo, « *é-nos comunicado o fundamento da nossa vida: o Verbo, que desde o princípio esteve com Deus, fez-se Carne e habitou entre nós (cf. Jo 1, 14). Trata-se de um texto admirável, que oferece uma síntese de toda a fé cristã* ». ³⁰

30 PAPA BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*, Libreria Editrice Vaticana, 2010, 5.



Aos que O Receberam

65. Jesus é a Palavra de Deus oferecida a todos. O Prólogo faz disso uma profissão de fé da Comunidade Crente. Dá-se particular ênfase ao compromisso de acolher, de receber o *Logos*, a Palavra de Deus oferecida a todo o *Kosmos*, no sentido ecuménico do termo. Em Jesus, todos os seres humanos têm a oportunidade de participar da vida de Deus. Mas esta oferta, o homem pode ou não aceitá-la.

Não é uma obrigação. Pode ser rejeitada, recusada. O Cristão é convidado a acolhê-la, a recebê-la, a aceitá-la. Aceitar esta oferta é acreditar em Jesus, é aderir a Ele. A fé não é uma simples curiosidade, mas um compromisso a seguir Jesus. Exige, como sugere *Africae Munus*, que o *Logos* se encarne em nossos corações e em nossas Comunidades: « *Ouvir e meditar a Palavra de Deus é querer deixá-La penetrar e formar a nossa vida para nos reconciliar com Deus, para permitir que Deus nos conduza à reconciliação com o próximo, caminho necessário para a construção de uma comunidade de pessoas e de povos. Que a Palavra de Deus se encarne, realmente, em nossos rostos e em nossas vidas!* ». ³¹

Que Procurais? Quem Procurais?

66. No entanto, o encontro com o Senhor da Vida é fruto de uma busca. É por isso que Jesus pergunta aos discípulos que João lhe envia: “Que procurais?” (Jo 1,38). Ou seja, “Que procurais saber ou encontrar”? Esta busca, muitas vezes, implica um deslocamento.

67. Assim, que procuram, então, André e o outro discípulo (Jo 1,40)? Sabemos que o tempo de Jesus estava marcado por uma forte expectativa messiânica, que carregavam, cada um à sua maneira, os diferentes grupos então existentes no universo religioso da Palestina. Sendo assim, estes dois discípulos representam as buscas multiformes dos destinatários do Evangelho e, por conseguinte, hoje também, as múltiplas buscas dos nossos Povos Africanos. Como outrora, para estes dois discípulos de João, Jesus quer conduzir-nos todos no caminho de uma aventura diferente.

31 PAPA BENTO XVI, *Africae Munus*, 16.

68. À pergunta de Jesus a estes seus dois primeiros companheiros, respondem as palavras do Ressuscitado à primeira testemunha da Ressurreição, Maria Madalena: “Quem procurais? “(Jo 20, 16). Os Discípulos são chamados a passar da busca de algo, de uma ideia, de uma ideologia, mesmo legítima, à Pessoa de Jesus. Maria descobre n’Ele, o Filho de Deus que ascende ao Pai. Ela é convidada a entrar numa aventura que vai além do seu próprio destino e que doravante se cumpre totalmente no Ressuscitado (Jo 20,17-18). É, por isso, que o nosso antepassado Agostinho a chama de *Apóstola dos Apóstolos*. O encontro com o Ressuscitado é uma viagem permanente, iluminada pelo Espírito de Deus. Nesta luz, entendemos melhor a bela oração:

*“Senhor, meu Deus, minha única esperança, ouvi-me
Se por causa do cansaço, eu não Vos queira mais procurar...
Mas, fazei que eu procure sempre fervorosamente o Vosso rosto “.*³²

A Vida Eterna é Conhecer-Te.

69. Ao ficarem com Ele, os discípulos aprenderam a conhecer Jesus. Mas, o conhecimento de Jesus não é primeiramente um conhecimento teórico, mas um caminho de fé, para Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6). Está ligado Àquele que montou a sua tenda no nosso meio. É por isso que o Cristão não abandona as realidades históricas e terrenas. Ele não foge das asperezas da história, pois o *Logos* feito carne se junta a nós para que a vida possa germinar. O conhecimento de Cristo dá origem a uma dinâmica de conversão que se traduz em testemunho: « *O Senhor oferece a salvação a todos os homens de todos os tempos. Todos compreendemos como é necessário que a luz de Cristo ilumine todas as áreas da humanidade: a família, a escola, a cultura, o trabalho, o tempo livre e outras áreas da vida social. Não se trata de anunciar uma palavra de consolo, mas uma Palavra de ruptura que nos convida à conversão, que torna possível o encontro com Deus, a semente de uma nova humanidade* ».³³

32 SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate*, XV, 51.

33 PAPA BENTO XVI, *Verbum Domini*, 93.



II. 2. VIVER EM CRISTO: RENASCER E SER TESTEMUNHA

Celebrar um Novo Nascimento, uma Nova Vida como Filho de Deus em Cristo

70. O povo de Israel tinha uma consciência eterna de que no Monte Sinai, Deus o fez povo eleito e povo da Aliança, não pelo que tinha feito, mas por amor gratuito e pela graça imerecida de Deus (cf. Dt 7, 7-8). Esta consciência de que a sua identidade e o seu mérito são um dom gratuito de Deus dirigiu, governou e serviu de critério para tudo quanto eles fizeram na vida como indivíduos e como povo. O Novo Testamento testemunha também que no Baptismo os Crentes em Jesus Cristo recebem um novo nascimento em Deus e tornam-se verdadeiramente Filhos de Deus (cf. Jo 1, 12-13; 3), com base no amor gratuito e imerecido de Deus (cf. Tt 3, 4-8). « *Aos que o receberam, que acreditaram no Seu Nome, Ele deu o poder para se tornarem filhos de Deus* ».

O seu nascimento não é “fruto da carne... mas de Deus” (Jo 1,12-13). O Decreto Conciliar *Ad Gentes* fala do Cristão como sendo “*gerado do ventre da fonte baptismal*”.³⁴ Este novo nascimento compromete os Crentes a fazer da sua nova vida em Cristo o princípio organizador da sua vida humana e a dar testemunho disso em tudo o que fazem.

71. A identidade do Cristão como filho de Deus, é inseparável do mistério da Encarnação, como dois lados da mesma moeda; ambos baseiam-se na fé. O Verbo de Deus tornou-se um ser humano através da heróica fé de Maria na Palavra de Deus que o Anjo Gabriel lhe tinha anunciado (cf. Lc 1, 26-38). Em virtude desta fé, Isabel chamou Maria “Aquele que acreditou” (Lc 1,45). O Cristão torna-se filho de Deus e membro de pleno direito da Igreja pela fé no poder do Espírito Santo e através da administração pela Igreja, na fé, do sacramento do Baptismo. O Baptismo configura o Cristão com Cristo, profeta, sacerdote e rei “*por um carácter indelével*”³⁵. Nascidos de Deus, os Cristãos são verdadeiramente divinos e compartilham a natureza de Deus, assim como a Palavra de

34 CONCÍLIO VATICANO II, *Ad Gentes*, 15.

35 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.1272.

Deus “nascida da mulher” (Gl 4,4) é verdadeiramente um ser humano compartilhando a natureza humana.

72. Jesus demonstrou que Ele foi filho de Deus durante toda a Sua vida. Ele passou toda a Sua vida aprendendo a ser humano “*em tudo menos no pecado*” (Hb 4,15; cf. Jo 8,46); observou e aprendeu a fazer tudo o que viu Deus fazer (Jo 5,19); não desejou nada a não ser fazer a vontade de Deus e fazer desta vontade “o alimento” que sustentava a Sua vida e a Sua missão (Jo 4,34; 17,4). Como Deus, “Ele fez o bem” (Act 10, 38).

Assim, Ele levou claramente uma vida de testemunho baseada na verdade de que era o Filho de Deus; e que Deus vivia e agia n’Ele (cf. Jo 10, 35-38). Da mesma forma, o conhecimento de fé do Cristão, pelo facto de que é verdadeiramente um filho de Deus, obriga e compromete a pessoa a esforçar-se por viver em todas as áreas à imagem de Deus, como Cristo fez; fazendo o bem a todas as pessoas sem excepção nem discriminação com base na raça, classe social, nacionalidade, sexo ou outra coisa. Até, obriga mesmo a “*amar os seus inimigos*” e a fazer o bem àqueles que desejam a sua morte.³⁶

73. A ignorância das Escrituras é tradicionalmente considerada como ignorância de Cristo.³⁷ A ignorância de Cristo é também ignorância da Sua verdadeira pessoa como Filho de Deus. Viver a nova vida como filho de Deus requer o compromisso de descobrir o Jesus dos Evangelhos, lendo regularmente os Evangelhos individualmente e em grupo. As secções exortativas das Epístolas dão muitos exemplos desta nova vida.³⁸ Como Filhos do povo de Deus, somos hoje convidados a

36 O amor aos inimigos é um carácter revolucionário dos Evangelhos exigido a um filho de Deus que “é amor” (1 Jo 4,8,16). Quase todos os autores do Novo Testamento insistem no amor ao inimigo. cf. Mt 5,43-47; Lc 6,27-30; Rm 12,14; 1Pd 3,9. No entanto, o propósito principal das epístolas (em comparação com as cartas pastorais), é convidar os cristãos a compreender e viver a sua nova vida em Cristo. (Cf. Gal 5:13-6,10; 1 Cor 12:-14; Ef 4:6).

37 PL 24, 17; cf. CONCÍLIO VATICANO, *Dei Verbum*, 25.

38 Concluem geralmente com um apelo específico para pôr em prática os ensinamentos expostos em cada carta. Vejamos por exemplo Gal 5,13-6,10; 1 Cor 12-14; Efésios. 4 -6



complementar estas exortações epistolares com exemplos vivos dos nossos próprios contextos.

74. Um recém-nascido precisa comer comida humana em diferentes fases da sua vida e familiarizar-se com o estilo de vida e a cultura de seus pais, a fim de se tornar um ser humano plenamente maduro. As culturas tradicionais africanas têm métodos bem definidos, para introduzir as crianças na vida comunitária. Do mesmo modo, a Igreja acompanha o Cristão recém-nascido nos seus primeiros passos até que assuma a sua plena responsabilidade pessoal de manter viva a vida divina recebida no seu Baptismo, desenvolvendo, antes de tudo, o conhecimento da fé e mantendo viva a consciência de que é verdadeiramente um filho de Deus (cf. 1 Jo 3,1-3). Alimentando assim a vida de Deus nele, crescerá na fé até atingir “a estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13); em segundo lugar, comprometendo-se a testemunhar os caminhos de Deus e os valores do Evangelho, como fez Jesus, trabalhará para a manifestação do Reino de Deus. A Comunidade Cristã tem um papel importante a desempenhar no sentido de ajudar e orientar cada pessoa a ser imbuída de sólidos valores evangélicos.

Vida de Testemunho Fundada em Cristo

75. No tribunal, testemunhas autênticas são aquelas que viram pessoalmente os factos que testemunham; não se pode testemunhar o que não se viu ou não se experimentou. Caso contrário, seria uma falsa testemunha. Jesus enfatizou isto em toda a Sua vida: as palavras que disse, as obras que realizou, assim como a Sua atitude e empenho na Sua missão vital constituem uma prova convincente de que era verdadeiramente o Filho de Deus (Jo 14,6), embora os seus contemporâneos o vissem como um simples ser humano (Jo 10,33). Da mesma forma, o Cristão que vive diariamente a sua fé, e não simplesmente como um “*cristão dominical*”, dá testemunho autêntico de que vive em Deus e que Deus vive nele.

76. O Novo Testamento dá muitos exemplos daquilo que significa viver e ser visto de maneira concreta como filho de Deus, mesmo que isto não seja aprovado pelo mundo (1Pd 1,13-2,3; 1Jo 3-5). As pessoas

são encorajadas a identificar e a inspirar-se nas inúmeras passagens das Escrituras e noutras fontes para enriquecer o seu conhecimento da fé no seu novo nascimento e, são chamadas a dar testemunho como Filhos de Deus. Os numerosos Santos e Mártires de África, especialmente Santa Josefina Bakhita e os Mártires de Uganda, onde nasceu o SCEAM e onde celebramos o seu Jubileu de Ouro, são testemunhas vivas de Cristo.

77. No espírito do Jubileu bíblico, que exige um regresso às próprias raízes e à identidade dada por Deus, exortamos e encorajamos os Cristãos, individualmente e em grupo, a estudar, meditar, interiorizar e aprofundar sistematicamente a sua fé e a sua nova vida de Filhos de Deus. Com isto, cresceremos juntos, em Cristo, e em todos os aspectos e daremos um testemunho capaz de transformar a nossa vida em Cristo, numa África renovada e até mais além do Continente.





II.3. SER E CONSTRUIR A IGREJA-FAMÍLIA DE DEUS

78. Na Sua pregação, Jesus afirmou claramente que os Filhos de Deus têm a obrigação de se comportar entre si como irmãos. Na Sua oração, Ele pediu que todos os seus Discípulos fossem um (Jo 17, 21). Quanto aos seus Apóstolos, ordenou-lhes que proclamassem a mensagem evangélica a todas as nações, para fazer do género humano a Família de Deus, na qual a plenitude da lei seria o amor.³⁹

79. A Igreja-Família de Deus, formada por todos os Povos de diversas origens culturais, através da aceitação da Palavra pregada pelos Apóstolos, não é outra coisa senão a Igreja propriamente Apostólica. A expressão Família de Deus corresponde perfeitamente à visão fundamental da eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, com referência tanto aos temas da fraternidade como à grande oração de Jesus: “Que todos sejam um” (Jo 17, 21). Além do carácter apostólico da Igreja, os Padres Conciliares sublinham a dimensão escatológica da Igreja como Família de Deus, baseada na peregrinação para a plenitude do amor de Deus, salientando ao mesmo tempo o que constrói a unidade, isto é, o novo mandamento do amor.

80. Por conseguinte, Jesus « *o Primogénito entre muitos irmãos e irmãs, depois da Sua morte e ressurreição, pelo dom do Seu Espírito, [...] estabeleceu uma nova comunhão fraterna entre todos aqueles que O recebem na fé e na caridade: esta comunhão realiza-se no Seu próprio Corpo, que é a Igreja [...] como Família amada de Deus e de Cristo* ». ⁴⁰ A Igreja inspira-se na imagem da família para manifestar Cristo, o Primogénito de uma multidão de irmãos e irmãs, que estabeleceu a salvação de toda a Humanidade. No entanto, permanece difícil para o espírito humano compreender por que motivo Deus não pode salvar e santificar os homens individualmente, cada um sozinho, directamente e sem intermediários.

O Concílio Vaticano II, na sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ensina que a boa vontade de Deus era que os homens não recebessem

39 Cf. CONCILIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 32.

40 Ibidem.

a santificação e a salvação separadamente, sem qualquer vínculo mútuo; Ele quis fazer deles um povo que o conhecesse segundo a verdade e o servisse em santidade.⁴¹ Portanto, Deus criou o homem para a vida, não para viver sozinho, mas para viver em sociedade. O objectivo e a riqueza da Igreja consistem em construir esta unidade entre os Crentes. Esta comunhão não é superficial, mas profunda, concreta e eficiente. Ela realiza o nosso “ser-com” e a nossa unidade com Deus, com os outros e com o mundo circundante em Jesus Cristo, Aquele em quem, por quem e para quem tudo existe. Ele está acima de tudo e tudo encontra n’Ele o seu cumprimento. Ele transcende todas as nossas particularidades e diferenças. Estas encontram n’Ele a sua unidade e a perfeita realização. Todos os Fiéis de Cristo são membros desta comunhão em igual medida na Igreja. Mas, entretanto, surgem-nos questões. Como somos nós Igreja? Como construímos esta comunhão?

81. A Igreja-Família de Deus em África implica tanto a comunhão com Deus como a comunhão com os irmãos e irmãs, Cristãos, todos chamados a uma comunhão de vida e de amor, de verdade e de acção, de fidelidade e de testemunho. A Igreja é uma família de pessoas unidas pela vida, pela aceitação mútua, pelo amor, pelo compromisso, pela celebração da fé, pelo perdão, pela alegria e pela partilha. É uma comunidade de construção de justiça, de paz, de solidariedade e de fraternidade vividas em palavras e obras. Entramos nesta comunhão da Igreja através do Baptismo precedido por um primeiro passo, o de escutar, aceitar a Palavra de Deus e apegar-se a Cristo, a Palavra eterna de Deus. O Baptismo não é simplesmente um sinal de fé ou incorporação na Família de Deus; é antes uma participação real na morte e ressurreição de Cristo, no evento de Cristo, fundamento da nossa unicidade ou da nossa unidade em Cristo.

82. Esta unidade da Igreja é concreta e histórica e não é, simplesmente, um ideal a ser estabelecido. É percebida e preservada na experiência da fé, esperança e caridade. A compreensão de que “*nós somos a Igreja*” flui lógica e dogmaticamente do facto de que cada membro baptizado é, de igual dignidade como filho e filha de Deus na Igreja. Isto não é

41 Cf. CONCILIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 9



apenas fundamental, mas é o fundamento da Igreja-Família de Deus. Todos fomos, de maneira igual, chamados por Deus para constituir uma e única Igreja, Sua família. Todos temos que responder a este convite, aceitando a Palavra, a Pessoa e a obra de Cristo, com fé, com compromisso, com cooperação, com confiança e amor. As diferenças existentes não são baseadas no Baptismo, mas no carisma do Espírito Santo para o ministério. Estes dons do Espírito suscitam diferentes serviços, tarefas, funções e responsabilidades, mas são secundários em relação ao vínculo fundamental com a Igreja, que se baseia no Baptismo.

83. A nossa unidade é expressa na nossa fé e crença comuns. Esta comunhão tem uma dimensão vertical e horizontal. A comunhão vertical é estabelecida entre a humanidade e Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e está baseada na comunhão intra-trinitária. A comunhão horizontal, ela própria inspirada na comunhão intra-trinitária, encontra a sua brilhante realização na comunidade dos discípulos que tinham “um só coração e uma só alma” (Act 4,32). Os irmãos e irmãs, os Cristãos, dentro da Comunidade Eclesial, são chamados a dar testemunho da comunhão de vida horizontal e vertical, que constitui o seu ser e a sua vida em Cristo. Eles são chamados a viver numa comunhão horizontal e vertical com o seu meio e com Deus em Cristo. Trata-se de uma vida de relacionamento íntimo de estar com e para Deus, de estar com o outro e com todos os seres visíveis e invisíveis que compõem a Criação. O Espírito Santo anima desde dentro esta comunhão na Igreja pela sua presença viva e activa, pela sua graça e pelo dom de escutar e acolher a Palavra de Deus; pelo dom da fé, da esperança e da caridade com que enche os Discípulos de Cristo. Esta comunhão é vivida no plano externo, de forma pessoal e comunitária, através da confissão do nome de Jesus Cristo, da profissão de fé, da participação nos Sacramentos e da conformidade com as leis da Igreja. No cruzamento de todas estas manifestações de vida da Igreja-Família de Deus, o Espírito Santo coloca as Comunidades Eclesiais e os Baptizados numa rede de fidelidade a Cristo e de relações interpessoais cristãs. Estas relações são fertilizadas pela unidade, oração, solidariedade, interesse pela mesma causa, apoio mútuo e partilha. No entanto, unidade, mesmo externa, nunca é sinónima de

uniformidade e não exclui a diversidade. A diversidade consolida a catolicidade. Portanto, a unidade inclui a diversidade e se manifesta através dela. Fomentar a unidade não é um obstáculo à diversidade.

84. Todos os Fiéis Cristãos, através da Fé e do Baptismo, são a Igreja. O Baptismo nos congrega todos num único Corpo que, o Senhor ressuscitado constrói e mantém vivo através da Eucaristia. Esta é a força criadora e unificadora e a fonte da vida dos membros da Igreja, pois une cada um deles ao próprio Cristo. Mas, a construção e a salvaguarda desta unidade, à qual a diversificação confere o carácter de comunhão, é também uma tarefa para todos na Igreja. Todos somos chamados a construí-la e a preservá-la todos os dias, especialmente através desta caridade que é o vínculo da perfeição. É por meio desta unidade expressa na participação comum, nos dons da salvação conquistados por Cristo e conferidos pelo Espírito Santo e pelo vínculo de fraternidade ou a Comunidade dos Cristãos com Deus que construímos e percebemos que somos a Igreja, a Família de Deus.

A expressão “*nós somos a Igreja*” não se refere à estrutura eclesial, no sentido institucional ou jurídico do termo. Nós somos a Família de Deus, *Familia Dei*, a realidade concreta da Igreja, que indica o tipo do espírito que anima todos os membros da Igreja ou a vida íntima da Igreja. Isto explica a natureza da Igreja, mais do que a sua estrutura institucional e jurídica. É a sua essência ou, como bem diz o Concílio Vaticano II, o seu *mysterium*. A Igreja não é simplesmente o lugar onde as pessoas sentem que estão na Família de Deus, mas o lugar onde elas verdadeiramente e ontologicamente se tornam a Família.

85. Desde o histórico encontro dos Bispos Africanos com o Papa Paulo VI, na terra dos Mártires de Uganda, a nossa Igreja recebeu um apelo profético de ser « *missionária de si própria* ». Desde então, África passou por uma rápida evolução que mudou profundamente o contexto sócio-cultural e eclesial da Missão. Este contexto impôs novos desafios para a Evangelização dos nossos povos. A missão evangelizadora da Igreja necessita de tomar um novo fôlego e um novo impulso para poder assumir um carácter mais dinâmico e inovador.



TERCEIRA PARTE: CONVERTEI-VOS E TRABALHAI PARA A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO (Cf. Mc 1, 15)

III.1. ESCUTAR OS DESAFIOS

Desafios Económicos e Políticos

86. Um dos maiores desafios que interpela a missão da Igreja em África é, certamente, a questão sócio - económica. Falámos disto na nossa Carta Pastoral “*Evangelização e Promoção Humana em África*”, em 1984. *Ecclesia in Africa* foi na mesma direcção quando o Papa João Paulo II disse: « *Como poderia alguém proclamar Cristo neste imenso Continente se esquecer que é uma das regiões mais pobres do mundo* ». ⁴²

87. Reunido em Kampala há 50 anos, o SCEAM lançou o mesmo grito de angústia nestes termos: « *O problema prioritário do tempo presente é a luta pelo desenvolvimento dos povos e pela paz. O Episcopado de África e Madagáscar não pode ignorar, sem o risco de falhar seriamente na sua Missão, a miséria, a fome, a ignorância, (...) que afligem tantos seres humanos do Terceiro Mundo.* » ⁴³

88. O SCEAM tem vindo a denunciar os crescentes desequilíbrios, entre o Norte e o Sul do mundo, em termos de acesso, distribuição de recursos e os danos à Criação. A crise económica em que nos encontramos coloca o problema da exploração e a utilização dos recursos materiais, que não consegue encontrar, ao nível africano, as regras de um mercado justo e de partilha equitativa. ⁴⁴

89. No nosso Continente vemos, cada vez mais, pessoas a viver em condições infra-humanas. A pobreza crescente afecta milhões dos

42 PAPA SÃO JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 51.

43 *ACTAS da Primeira Assembleia Plenária do SECAM*, Kampala, 1969, p. 54.

44 Cf. Lineamenta para a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, Cidade do Vaticano 2011, n. 6, p. 16-17.

nossos irmãos e irmãs. Está a atingir níveis intoleráveis de miséria, um verdadeiro flagelo que é o mais devastador e humilhante para muitos Países Africanos. A Igreja, testemunha do clamor do Povo, deve empenhar-se constantemente, com mais vigor, em termos de sensibilização e de acção concreta para uma ordem económica mundial que respeite os direitos dos nossos Povos.⁴⁵ Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o Rosto do Senhor, que espera de nós uma maior consciência do nosso dever de dominar e transformar a Terra para o benefício de todos. Este desafio deve impulsionar todos os Cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial.

90. No plano internacional, o Papa Bento XVI lembrou que hoje, os recursos materiais, que podem ser utilizados para libertar os povos do Sul da pobreza são teoricamente mais importantes do que no passado, mas são particularmente os povos do Norte que acabaram se beneficiando com eles. A difusão do bem-estar à escala global não deve ser dificultada por projectos egoístas, proteccionistas ou ditados pelos interesses das multinacionais, grandes potências⁴⁶ com a cumplicidade africana. Claro que as realidades sócio-económicas e as situações políticas diferem de um país para outro, mas o facto é que a dependência dos nossos países do capitalismo liberal, das ideologias neo-colonialistas e de outras formas de totalitarismo continua a perpetuar-se em África, em situações multifacetadas de dominação, que são simplesmente inaceitáveis.⁴⁷

91. Uma leitura do desempenho da governação em África sublinha fortemente certos défices, em particular: o crescimento das desigualdades económicas, sociais e políticas, que nem sempre auguram um futuro de paz e de serenidade humana e social; o cancro da corrupção, muitas vezes institucionalizada como modo de governação; a falta de responsabilização e o reinado da impunidade. Também notamos, nos dias de hoje, a deriva da governação política. Na verdade,

45 Cf. Lineamenta para o Sínodo sobre a Nova Evangelização para a Transformação da Fé, No. 6.

46 Cf. PAPA BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, AAS 101 (2009) 678

47 Cf. A Igreja e a Promoção Humana em África hoje, Exortação Pastoral dos Bispos do SCEAM (Kinshasa, 15-22 de Julho de 1984, Acra, Edições do Secretariado do SCEAM, 1985.

trata-se da transformação dos regimes políticos de partido único do passado em autocracias “democráticas”. São falsas democracias que procuram estabelecer-se através de várias astúcias e manobras de confiscação e apropriação indevida das conquistas políticas em vários países. As Constituições são manipuladas e modificadas para fins egoístas e clánicos. A boa e eficaz governação continua a ser uma preocupação. Ela diz respeito ao presente e ao futuro das nossas sociedades e representa, portanto, um grande desafio para a Missão Evangelizadora da Igreja.

Desafios Sócio - Culturais

92. Observa-se um aumento da violência nas nossas sociedades. No nosso Continente, a violência está a causar a perda de um grande número de vidas humanas. Trata-se de dramas que resultam de dissensões interpessoais, divisões dentro das próprias famílias, envenenamentos, conflitos entre diferentes grupos e guerras civis. Nos últimos anos, esta situação agravou-se com a violência ideológica e a violência perpetrada por grupos armados descentralizados como Boko Haram, o LRA, o Mai Mai, entre outros.

93. Apesar dos esforços reais envidados pelos pais e governos para construir uma nova África, a questão da juventude vem acrescentar-se aos problemas já apontados. Os Jovens, que constituem a maioria da população do nosso Continente, são explorados pelos actores desta violência. Após a sua formação, muitos ficam geralmente desorientados, sem quaisquer outras perspectivas de futuro, a não ser o sub-emprego, o desemprego e a “engenhosidade”, quando não cedem à demissão social e ao fatalismo, em detrimento das suas vidas. Muitos abandonam as aldeias para as cidades, onde, muitas vezes, o desespero os obriga ao exílio, fora do Continente. Com o Papa Francisco, reconhecemos que por vezes o sofrimento de alguns Jovens é realmente desolador; é um sofrimento que não pode ser expresso em palavras; é um sofrimento que nos esbofeteia.⁴⁸

48 Cf. PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica pós-sinodal **Christus vivit***, Libreria Editrice Vaticana, 2019, 77.

94. Este fenómeno migratório explica o espectáculo dramático das mortes no deserto e dos naufrágios às portas da Europa. Deve ser um desafio para os líderes africanos, que devem assumir a sua responsabilidade para com os seus concidadãos, a fim de reduzir a fuga de cérebros e evitar a perda de vidas humanas. É também lamentável que dentro da própria Igreja, declarou o Papa Francisco, esses movimentos migratórios despertem desconfiança e hostilidade, muito antes de se tomar conhecimento dos percursos de vida, da perseguição ou da miséria das pessoas envolvidas nestas situações.⁴⁹

95. Embora estas migrações promovam o encontro de culturas e o seu enriquecimento mútuo, elas representam também um enorme revés. Assistimos a formas de aculturação, de destruição de culturas, de desmoronamento das referências fundamentais da vida, total indiferenças e xenofobias repugnantes. A questão que se coloca relaciona-se com as estratégias a serem promovidas para gerir o que podia aparecer como um enriquecimento, caso fosse implementada uma boa política e uma boa pastoral para os migrantes, tal como recomendado pelo Papa João Paulo II.⁵⁰

96. O crescimento urbano anual em África constitui um outro desafio. Este crescimento urbano leva a uma ocupação intensiva e extensiva do espaço. Intensivo, com riscos cada vez mais crescentes de superlotação e de insalubridade, particularmente nos bairros mais antigos. Extensiva, nas periferias com os eixos de penetração do tecido rural que se deteriora e serve cada vez menos, como um pulmão para a cidade. A nova dinâmica urbana obriga-nos, assim, a repensar o Homem Africano na sua relação consigo mesmo, com o território, com a vida política, com a vida económica, com a vida em sociedade, com a natureza, com a cultura e com as religiões. A cidade transformou-se num lugar onde novas culturas emergem, impondo-se a nós com a sua nova linguagem, novos símbolos, novos modos de vida ou estilos, novas relações sociais.

49 Cf. PAPA FRANCISCO, Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, **Cidade do Vaticano**, 2015.

50 Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, Cidade do Vaticano, 2001, 3.

97. É preciso reconhecer que na cidade, como as tradições se foram perdendo, muitos Jovens estão sem marcos e vivem muitas vezes de acordo com a lei da rua. Este fenómeno dá origem ao drama das crianças da rua, mais vulneráveis, as chamadas “crianças bruxas”. Considerado como cruzamento cultural, onde a cultura popular se elabora, as cidades representam também lugares de incertezas e de intransigência, de relatividade dos valores e da moral, assim como das afirmações de identidade, uma porta aberta à permissividade e à intolerância. A sociedade urbana torna-se, assim, uma sociedade permeável, geradora do melhor e do pior. Devemos nos perguntar se a neo-cultura urbana em gestação será alimentada ou não pela seiva do Evangelho. Com isso, como podemos responder aos problemas das zonas rurais e fazer das nossas cidades um fulcro dos valores éticos e humanos onde Deus não esteja ausente?

Desafios Ecológicos

98. A crise ecológica diz respeito à relação entre o homem e o seu meio ambiente. A natureza é encarada como um recurso a ser explorado sem limites. Considera-se, neste contexto, os recursos naturais exclusivamente, como bens económicos e meras fontes ilimitadas de lucro. Tudo nos leva a pensar que o homem esquece que a natureza é um dom e uma tarefa a ser realizada de acordo com os desígnios de Deus criador e soberano mestre do Mundo. Perde-se de vista igualmente a nossa solidariedade de ser e de destino com a natureza, chamada ela também, como nós, a conhecer a glória de Deus no fim dos tempos (cf. Rm 8, 20-21). As nossas culturas africanas insistem na relação harmoniosa que deve existir entre o homem e a natureza, em comunhão com Deus e com todos aqueles que nos precederam e todos os que virão depois de nós.

99. A Igreja-Família de Deus em África deve estar atenta aos sofrimentos da “*nossa irmã, a Terra*”, propondo alternativas credíveis, capazes de provocar uma mudança profunda das mentalidades. A Igreja Família de Deus apela à responsabilidade humana, no sentido de um compromisso com a possibilidade de uma perpetuação indefinida da humanidade no futuro. É neste sentido que o Papa Francisco

afirma: « *Se a terra nos é dada, não podemos mais pensar apenas segundo um critério utilitário de eficiência e produtividade em benefício do indivíduo. Não estamos falando de uma atitude opcional, mas de uma questão fundamental de justiça, já que a terra que recebemos também pertence àqueles que virão* ». ⁵¹

100. A ética ambiental deve ser acompanhada da justiça ambiental, a fim de promover uma distribuição equitativa da riqueza da natureza e, assim, combater as desigualdades e a pobreza. África apresenta-se frequentemente como o lugar onde estas desigualdades e a pobreza são ostensivas. De facto, alguns « *homens e mulheres de negócios, governos e grupos económicos que, sob o pretexto de reduzir a pobreza e trabalhar para o desenvolvimento das populações pobres, envolvem-se em programas de exploração, saqueiam os camponeses de suas terras, destroem florestas, poluem o meio ambiente e causam desertificação sem precedentes* ». ⁵² Diante destes graves ataques à pessoa humana e à natureza, « *a Igreja deve [...] apelar aos que estão no poder para criar uma nova consciência ecológica que se expresse em acções concretas* ». ⁵³

101. A terra é uma parte do nosso ser que carregamos dentro de nós e que nos transporta na vida quotidiana e em comunhão com Deus e com todas as criaturas. A Terra é a morada da Família Humana. Cuidar dela significa proteger as nossas vidas, assegurar o bem-estar humano integral, garantir o nosso futuro e o dos nossos descendentes.

102. A agressão contra a natureza já não é apenas obra da grande indústria. Provém também da insalubridade nas casas, nos bairros, e da poluição sonora tanto de dia como de noite. Esta situação permanente da vida da população, não é favorável a um clima de paz interior, de reflexão, de meditação e de descanso necessário para o equilíbrio do organismo e da nossa relação com o mundo que nos rodeia.

103. A questão da apropriação da terra, da exploração excessiva dos lagos e dos rios e a falta de responsabilidade e de criatividade para lidar com o problema da riqueza do solo e subsolo de África, não deverá ser negligenciada. Os desafios da terra são múltiplos em África.

51 PAPA FRANCISCO, *Laudato Si*, 159.

52 SECAM, *O Futuro da Família, A Nossa Missão, Contribuição para a 14ª Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos*, SCEAM-SCEAM PUBLICAÇÕES, Acra, 2015, 24.

53 *Ibidem*, 23.



A dimensão ecológica da evangelização merece a plena atenção da nossa Igreja, tanto quanto a questão ética que precisa ser analisada.

Desafios Éticos

104. As diferentes reflexões abordadas até agora levantam questões éticas. A este propósito, elas nos remetem a atitudes, comportamentos e problemas específicos da Evangelização em África. Os valores tradicionais africanos de edificação harmoniosa da pessoa e da sociedade estão sendo cada vez mais abalados em função da influência de outras culturas, cuja orientação prega sobretudo o individualismo ou o “cada um por si”. Estas situações, agravadas por problemas de desenvolvimento, fragilizam as nossas famílias e os nossos países. Os princípios individualistas tornaram-se os padrões de referência de uma mentalidade e de uma prática contrários à responsabilidade ética dos Cristãos Africanos perante as exigências do futuro do seu povo e da Humanidade. Também, o sentido de identidade e de autonomia responsável, a coragem da verdade e da fidelidade à palavra dada, e os valores de solidariedade, de negação de si próprio, do trabalho criativo são muitas vezes inexistentes, deixando espaço, nomeadamente, para a dependência servil, a corrupção e a injustiça. Está a tornar-se, cada vez mais difícil, em África, resistir a correntes de pensamento e morais estrangeiras que são estranhas às nossas culturas.

105. Por exemplo, notamos que a relação com a sexualidade é cada vez mais marcada por uma ideologia do prazer e práticas contraceptivas e abortivas que não respeitam a grandeza e as exigências éticas do amor conjugal. A nova ética global deverá ser submetida ao exame dos valores enobrecedores da cultura africana e do Evangelho. É com justa razão que o Papa Francisco denuncia, com razão, certas ajudas económicas de países mais ricos ou de organizações internacionais cada vez mais ligadas à aceitação de propostas ocidentais relacionadas com a sexualidade, o casamento, a vida.⁵⁴ Denunciamos esta colonização ideológica e esta ditadura do pensamento único, prejudiciais para o desenvolvimento das nossas nações.

54 Cf. PAPA FRANCISCO, *Christus vivit*, 78.

106. Assumir esta questão requer ao mesmo tempo uma resposta adequada ao problema da ignorância e das condições de vida precárias. Mostra-se necessário e urgente despertar a consciência dos homens, para o bem comum moral, cultural, social e económico. Como assinala o Papa Francisco, é «*um princípio que desempenha um papel central e unificador na ética social, ou seja, “o conjunto de condições sociais que permitem tanto aos grupos como a cada um dos seus membros alcançar a sua perfeição de uma forma mais completa e fácil”*».⁵⁵

Desafios da Globalização

107. A globalização interpela a Igreja e os Países Africanos de uma forma especial. Ambos não tiram o máximo proveito deste fenómeno. A globalização traz para África correntes de pensamento e novas práticas, que impõem formas de ser e de comportamento, que não levam em consideração o bom património cultural dos nossos povos, nem a nossa responsabilidade de enriquecer a civilização universal.

108. O Papa Francisco tem vindo a denunciar esta forma de globalização que não respeita as identidades culturais dos povos. É o caso, por exemplo, da ideologização da importante questão do lugar da mulher na sociedade e na Igreja. Uma forma de percepção ideológica do “género”, que nega a diferença entre homens e mulheres, contrária à cultura africana e às verdades humanas iluminadas pela Revelação Divina em Jesus Cristo. Esta ideologia, em vez de servir a verdadeira causa da dignidade da mulher, desestabiliza o sentido da vida conjugal e familiar, que África tem conseguido preservar até agora, embora toda sociedade humana precisa sempre se converter para fazer melhor. A Igreja- Família de Deus em África reflectiu sobre este tema durante o Sínodo sobre a Família. Deve continuar a proferir esta palavra de verdade, de esperança e de convite aos Africanos para assumirem a sua responsabilidade face aos desafios da globalização.

109. A globalização da economia, demasiadamente dominada pela lógica das finanças, ou seja, do lucro, resultou muitas vezes no “empobrecimento e na crescente desigualdade” no mundo. África,

⁵⁵ PAPA FRANCISCO, *Laudato si*, 156.

particularmente rica em recursos naturais, é frequentemente o palco de confrontos entre multinacionais ocidentais, na sua grande maioria, que procuram explorar as matérias-primas em grande escala, em detrimento das populações locais. Para o conforto pessoal ou para o seu próprio enriquecimento, muitos líderes africanos participam ativamente dessas práticas de empobrecimento do seu Continente e de suas populações.

110. A identidade cultural de um povo constitui a sua alma e o seu ser mais profundo. A Cultura Africana, pelos efeitos da globalização da informação e da comunicação, é alvo, frequentemente, de invasões de outras culturas, de outras formas de ser e de pensar, particularmente através da visualização de filmes televisivos, cujo conteúdo mina os fundamentos da moralidade tradicional africana. Uma aculturação progressiva está atingindo cada vez mais as novas gerações, que preferem adotar novos modos de vida ocidentais, considerando a sua própria cultura como retrógrada. Tal aculturação pode, se não tivermos cuidado, ter repercussões deploráveis no sentido da emergência de uma sociedade africana e de um tipo de Homem Africano completamente esvaziados da sua essência. A vigilância da Igreja Africana é necessária para evitar qualquer tendência de ceder à ideologia da chamada “cultura dominante”. Também, em vez de estar submissa à globalização, África, animada pela sua fé em Deus Criador, deve promover uma pastoral da inteligência, para a qual os “Institutos Superiores e Universidades Católicas” terão um papel importante a desempenhar, tornando-se verdadeiros pólos para a investigação científica e tecnológica, com vista a transformar as condições de vida das populações. Estes importantes focos do saber vão permitir à África entrar em diálogo, em pé de igualdade, com os outros povos do mundo.

Desafios Educacionais

111. A questão da educação sempre preocupou a Igreja. Os esforços dos Primeiros Missionários com a criação de escolas, colégios e centros de formação foram levados mais além pela Igreja-Família de Deus em África, cujos filhos e filhas se tornaram seus próprios missionários. As Instituições de Ensino Superior e de Investigação, especialmente

as Universidades Católicas, multiplicaram-se nos últimos anos. De igual modo, as estruturas de formação cristã, de educação e de acção para a resolução de conflitos, a promoção do Matrimónio e da Família e a construção da Paz. A Igreja dá uma contribuição particular ao lado das Famílias e dos Estados para responder ao desafio da educação em nossos países.

112. Os desafios apontam especialmente para o problema de acesso das pessoas mais desfavorecidas das zonas rurais e urbanas a uma educação humana integral capaz de permitir a uns e outros assumirem responsabilidades individuais e colectivas, no âmbito da maturidade psicológica, emocional, moral e espiritual e no âmbito do emprego e da integração social.

113. Em muitas partes do Continente Africano, o fenómeno do analfabetismo ainda persiste. O Papa Bento XVI afirma que « *é um flagelo igual ao das pandemias. Este flagelo contribui activamente para a marginalização da pessoa - que é uma forma de morte social - e torna impossível para ela ter acesso ao conhecimento. Alfabetizar o indivíduo, educá-lo é fazer dele um membro pleno da res publica, na construção da qual pode contribuir*». ⁵⁶ É portanto necessário que cada pessoa em África tenha acesso, através da frequência escolar, aos conhecimentos, competências e regras de comportamento considerados indispensáveis e que permitam a cada pessoa afirmar-se na sua vida cívica, pessoal e profissional.

114. A Igreja-Família de Deus em África é chamada a assumir todos estes desafios para empreender a Nova Evangelização do Continente. O Evangelho representa a força de vida divina que ela precisa para responder aos desafios da sua vida e da sua missão para o desenvolvimento integral e para a evangelização.

56 PAPA BENTO XVI, *Africae munus*, 76.



III.2. O EVANGELHO NOSSA FORÇA

Não Tenho Vergonha do Evangelho (Rm 1,16).

115. O Evangelho é a Boa Nova da salvação de Deus oferecida gratuitamente, em igual medida, a todos os homens e a toda a criação. Este Evangelho é Jesus de Nazaré, “nascido, segundo a carne, da descendência de David, estabelecido, segundo o Espírito Santo, Filho de Deus poderoso pela sua ressurreição dos mortos” (Rm 1,1-3); “Nascido de uma mulher, sujeitou-se à lei, para resgatar os sujeitos da lei” (Ga 4,4-5), e para dar aos Crentes o estatuto e a dignidade de Filhos de Deus (cf. Ga 4,4-6). Em Jesus de Nazaré, Deus em pessoa, movido por puro amor, identificou-se com todos os seres humanos, inclusive aqueles em situações extremamente vergonhosas e degradantes, a fim de libertar todos de igual maneira de todas as forças opressivas e desumanas e da morte (Jo 3,16; Rm 5). Assim, em Jesus de Nazaré, Deus cumpriu pessoalmente a Sua promessa feita aos nossos primeiros pais de colocar uma inimizade ou separação eterna entre os Homens e o Satanás, que os tinha desviado do plano e propósito de Deus a seu respeito (Gn 3,16).

Arrepende-se e Acreditar no Evangelho

116. Jesus, Evangelho de Deus, começou a Sua proclamação da Boa Nova chamando todas as pessoas a “*arrependem-se e acreditarem no Evangelho*” (Mc 1,15). O arrependimento requer uma verdadeira conversão do coração, uma mudança de direcção em relação aos caminhos habituais, para tomar firme e infalivelmente o caminho da fidelidade e da gratidão a Deus e da conformidade com as suas exigências em todos os aspectos da vida. Isto pode implicar o abandono daquilo que parece naturalmente bom, mas, confrontado com as exigências do Evangelho, pode impedir a sua aceitação plena e total: “ Quem ama pai, mãe, irmão, irmã, marido, mulher, filhos,

mesmo a terra mais do que a mim não é digno de mim.”⁵⁷ Para crer no Evangelho, é preciso tomar pessoalmente os caminhos de Deus e colocar o amor de Deus acima de tudo, como fez Jesus.

117. Porque o Evangelho é o fogo do amor e uma oferta de Deus ao mundo em Cristo, só ele pode sacudir, comover e transformar as pessoas e o nosso mundo, para que possam realizar plenamente todas as suas potencialidades que lhes vêm do próprio Deus. O Sermão da Montanha e os Critérios do Juízo Final (Mt 25,31-46) dão um resumo do que envolve a conversão ao Evangelho e o tipo de transformação social que ela requer.

O Evangelho é um Sinal de Contradição?

118. Por que motivo o Evangelho, Boa Nova de Deus para a Humanidade, deveria ser um sinal de contradição? No tempo de Jesus, a crucificação era o destino mais vergonhoso, degradante e humilhante que pudesse acontecer a qualquer pessoa. A ideia de um Messias crucificado, considerado também como Deus, não faz sentido. No entanto, São Paulo e os Cristãos do Novo Testamento proclamaram Jesus em todo o Império Romano como « *um Cristo crucificado, um escândalo para os Judeus e uma loucura para os Gentios*”, mas para *Aqueles que acreditavam, Cristo era “o poder e a sabedoria de Deus* » (1 Cor 1,18-31). É Ele quem traz n’Ele em plenitude e traz para o mundo em abundância o poder da salvação de Deus.

119. O próprio Jesus é a Boa Nova que proclamou até à morte e a morte na cruz, enquanto os seus contemporâneos esperavam por um messias político e triunfante. A proclamação do Evangelho foi o alimento que o sustentou. Depois da Sua ressurreição, Jesus instruiu os seus Discípulos a sair e proclamar a toda a Criação o Evangelho do amor de Deus.

⁵⁷ É uma interpretação livre das palavras de Jesus em Mt 10,37-38; Lc 14,26-27 no seu contexto. Ver Mc 10,29-30 sobre a rica e eterna recompensa para aqueles que corajosamente deixam tudo, incluindo as suas próprias vidas, por amor a Jesus e ao seu Evangelho.

120. Os primeiros Cristãos acreditaram no Evangelho e o transmitiram para nós. Os numerosos Santos e Mártires de África também o fizeram. Muitos povos, pelo contrário, recusaram-se a serem transformados pela Fé Católica e Cristã e voltaram-se para os evangelhos da prosperidade proclamados nas novas igrejas em plena expansão e pelos meios de comunicação social. Rejeitar a oferta de salvação de Deus que livra de todas as forças opressoras e assassinas que afligem a Humanidade; tentar subjugar-la ou substituí-la por qualquer outro valor (antigo ou moderno, religioso ou secular) é privar-se a si mesmo e privar a Humanidade do dom gratuito e da sua salvação; pois não há “um outro Evangelho” ou outro Salvador além de Jesus Cristo (Gl 1,7-9).

121. Hoje, muitos Cristãos têm vergonha do Evangelho porque os seus valores são cada vez mais diferentes do que aqueles que a sociedade quer e aprova. De todas as maneiras, um cristão que se envergonha do Evangelho tem vergonha da identidade que recebeu de Deus em Jesus Cristo. Ao fazer isso, ele falha também em relação ao mundo que precisa muito do Evangelho para sua salvação e a sua verdadeira orientação. Jesus exorta-nos a não nos envergonharmos d’Ele e do seu Evangelho: « *Se alguém se envergonha de mim diante dos homens, também Eu me envergonharei dele diante dos Anjos de Deus* » (Lc 12, 19); « *Aquele que me negar diante dos homens, também o hei-de negar diante do meu Pai que está no Céu* » (Mt 10,33).

Trabalhar para a Transformação do Mundo

122. O Evangelho é a reconciliação de Deus com a Humanidade e a Criação inteira. Destrói todas as barreiras antropológicas e sociais, assim como as discriminações relacionadas com o racismo, o nacionalismo estreito, o etnismo (“judeus ou gentios”); as distinções de classe (escravo ou homem livre) e as desigualdades de género (homem e mulher), tornando todos “um” em Cristo.

O Evangelho chama também os Crentes a celebrar Deus que não está do lado das forças de opressão e de desumanização ou dos poderes

das trevas, mas do Reino do seu Filho amado. Ele convida os Crentes a estarem sempre prontos a acolhê-Lo, a aceitar sofrer e a suportar tudo pelo seu Reino, cujos valores Jesus encarnou, viveu e proclamou, em vez de adoptar formas de vida contrárias a Ele.

123. Num mundo de permissividade onde os seres humanos acham que têm o direito de organizar as suas vidas como desejam, independentemente de Deus, a urgência de ser e de proclamar o Evangelho torna-se uma necessidade absoluta. Esta missão é o dever de todo Cristão, e não só dos Missionários, Sacerdotes e Pessoas Consagradas (Gl 3,4-6.28-29; Ef 2,1-22). O Papa Francisco⁵⁸ recordou fortemente a todos os povos esta missão. Proclamar o Evangelho não significa necessariamente converter as pessoas ao Cristianismo. Trata-se de fazer saber a todos, por um lado, o que Deus por amor fez em Jesus de Nazaré e, por outro, como Jesus é a oferta definitiva de Deus à Humanidade, não pode haver outro valor supremo para a Humanidade e para a Criação além da Sua Pessoa. Não há, portanto, motivo para ter vergonha do Evangelho de Deus.

124. O Evangelho não é apenas um credo, mas também um modo de vida, o modo de vida de Deus visivelmente encarnado em Jesus desde o berço até à cruz. Exortamos portanto todos vós a imitar Cristo, a cultivar um estado de espírito e um estilo de vida eucarístico: a partilhar o pão da sua vida para que outros possam também comer e ter a vida que cresce e alcança a sua plenitude. Esta atitude expressa em profundidade o que é essencialmente o arrependimento, a fé no Evangelho e na transformação do mundo. Fortalecidos pela nossa vida cristã e pela nossa fé no Evangelho, todos possamos “ ir por todo o mundo e anunciar a Boa Nova” (Mc 16,15) e “ fazer Discípulos de todas as nações” (Mt 28,20), sem medo, hesitação ou vergonha.

58 Cf. PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, Cidade do Vaticano, 2013, Sobre a proclamação do Evangelho no mundo de hoje, ver em particular o Capítulo 3, 1: “Todo o povo de Deus proclama o Evangelho”, n°111-134.



III.3 NOVAS MENTALIDADES E NOVAS ESTRATÉGIAS PASTORAIS

125. O Discípulo de Cristo não se envergonha do Evangelho, pois este representa a Força de Vida Divina de que necessita para responder aos desafios da sua vida e missão, para o desenvolvimento integral e a evangelização profunda do seu país, do seu Continente e do Mundo. O Evangelho da vida convida mulheres e homens à conversão diante dos problemas e responsabilidades da sua vocação pessoal e colectiva. A conversão traz uma renovação do indivíduo e da sua comunidade e das suas concepções da existência, das suas orientações fundamentais, das suas escolhas e do seu comportamento em todas as coisas. A conversão, que vem do Espírito do Senhor e da sua Palavra transforma os corações, as sociedades humanas e torna a Igreja fecunda. O Evangelho de Jesus Cristo é o poder de Deus que transforma a vida das pessoas e faz “todas as coisas novas” (Ap 21,5), especialmente lá onde os comportamentos humanos provocam a distanciação com Deus e a ausência de desenvolvimento humano integral.

Perante os Desafios, a Poder de Vida do Evangelho

126. A situação que conhecemos na história actual da África encontra, na Igreja, a sua solução, através da capacidade dos Fiéis de se libertarem da vergonha para revestirem-se da armadura do poder e da alegria do Evangelho, a fim de darem um testemunho autêntico e de assumirem um compromisso decisivo a favor do desenvolvimento humano e da salvação do mundo. Trata-se de se livrarem do hábito de pensar no sucesso pessoal e familiar, e mesmo na resposta aos problemas da África, ignorando o poder de libertação e de vida da Palavra de Deus.

127. Consciente ou inconscientemente, Discípulos de Cristo, simples cidadãos ou mesmo líderes políticos conseguem esquecer, certas vezes, que o Evangelho plenamente recebido e autenticamente vivido, é, em verdade, a fonte do desenvolvimento e de paz por excelência para o mundo. Eles concebem a salvação, a espiritualidade, a

vida cristã, em suma, o Evangelho como um ensinamento inoperante diante dos desafios concretos da sua sociedade. A concepção dualista do mundo (corpo-alma, matéria-espírito...) e a desconexão da ordem espiritual com a vida material concreta em sociedade, agravam esse fenómeno, apresentando a vida eterna como unicamente a salvação da alma e a (simples) visão de Deus após a morte. A riqueza e a política foram, neste caso, consideradas como coisas que, por natureza, afastariam os Fiéis longe de Cristo e do Evangelho. Foram, por conseguinte, aproximadas do espírito do mundo (o Diabo).

128. Pelo contrário, a presença dos Baptizados na esfera política é fundamental para testemunharem a sua fé em Cristo que veio para servir (Mc 10, 45). Observa-se ainda que, sob os efeitos da dimensão concreta da concepção africana do bem-estar e do fascínio das “Igrejas revivalistas”, bem como das novas religiosidades cristãs, Fiéis Católicos aderem a espiritualidades de libertação, de cura e de prosperidade. Mostram-se surdos aos apelos evangélicos à conversão, à mudança de coração, ao amor e à luta contra a injustiça e contra todas as formas de opressão social, política e económica.

129. Neste contexto, é urgente tornar o Evangelho conhecido e amado em África como um encontro pessoal e decisivo com Jesus Cristo e como Palavra de vida em abundância, no sentido holístico do termo, isto é, existencial, libertador, espiritual e eterno. Os Fiéis serão, assim, levados a vivê-lo sem reduzir o seu poder à satisfação materialista dos desejos humanos. Devemos evitar o perigo de um Cristianismo da salvação da alma sem o corpo, assim como o de um Cristianismo-receitas que conduz a fugir a cruz e a buscar milagres e soluções rápidas para os problemas humanos.

130. Os comportamentos deploráveis, as situações dramáticas e os fenómenos preocupantes para o futuro da humanidade encontram as suas causas profundas no coração do homem e nas práticas individuais, colectivas, políticas e pastorais ineficientes. Ter em conta esta realidade deve dispor-nos a realizar uma análise que nos torne responsáveis diante destes problemas e nos comprometa, livre e plenamente, a encontrar a seu respeito soluções éticas, espirituais e cristãs que estejam enraizadas nas profundezas da nossa pessoa.



131. A acção pastoral deverá doravante levar cada discípulo de Cristo em África a fazer, sob a moção do Espírito, o exercício de descer no seu próprio coração e no espaço das suas mentalidades para atingir o seu imaginário. Estes elementos constituem a “sede” do conjunto dos determinantes psicológicos, intelectuais e espirituais do juízo, das escolhas e do agir das pessoas e dos Baptizados a evangelizar profundamente.⁵⁹ O conceito bíblico de conversão, que resume a mensagem e as exigências do Evangelho (cf. Mc 1,15), e o do coração, que significa a pessoa na sua totalidade, fonte de todas as suas atitudes e o que as gera e as estruturas (cf. Mt 15,19), andam de mãos dadas. Complementam-se e, assim, revelam que a busca de respostas aos desafios humanos junto de Jesus, o Evangelho em pessoa, deve visar, sobretudo, por um lado, o homem total e a sua conversão na sua relação com Jesus Cristo e o mundo e, por outro, a mudança de coração e das mentalidades que causam e sustentam o empobrecimento e a miséria dos indivíduos e dos povos.

132. Diante dos desafios da sociedade que os interpelam, como pessoas em busca da vida em abundância para si próprias, para o seu povo e para o mundo, os Cristãos são chamados a aderir intimamente a Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, que veio ao mundo para que os Homens tenham a vida em abundância (cf. Jo 10,10). Como pessoas dotadas de uma vida que se expressa em termos de liberdade, decisão e acção, os Cristãos são convidados à conversão do seu coração, da sua mentalidade e das suas acções na perspectiva do Evangelho, e a fazer a opção fundamental de seguir Cristo e de ser suas testemunhas para a transformação do mundo. E como pessoas eclesiais, os Discípulos de Cristo participam da missão da Igreja-Família de Deus e trabalham para que as suas novas estratégias pastorais cheguem ao fim: a conversão das pessoas e a transformação do mundo no espírito do Evangelho.

59 Cf. PAPA PAULO VI, *Evangelii nuntiandi*, Libreria Editrice Vaticana, 1975, 19.

Pastoral de Conversão e de Transformação do Mundo para África

133. A invenção de uma nova África, revitalizada e moldada pelo Evangelho, é a preocupação da Igreja-Família de Deus. Com efeito, a Igreja é a mensageira da vida em abundância de Cristo que permite aos Fiéis responder, de forma concreta e profética, aos desafios sociais, ecológicos e espirituais do Continente. A nova África desejada é aquela onde os Baptizados, conscientes da sua identidade e da sua vocação, intimamente ligados à Pessoa de Jesus Cristo, tornam-se como fermento do Reino, que a Igreja toma e esconde na massa da sociedade africana (cf. Mt 13,33). Renovados pelo Espírito Santo no amor do Pai, serão para África “o sal da terra” e “luz do mundo” (cf. Mt 5, 13.14).

134. A pastoral da conversão pessoal e da transformação da sociedade deve consistir em convidar constantemente os Baptizados a uma renovação do coração e a acções para mudanças sociais profundas. Compromete os Pastores e os Fiéis a promover iniciativas originais que levem todos à consciência de que, através do banho baptismal, são pessoas em quem habita o Deus Pai, Filho e Espírito (cf. Jo 15, 4). Através deles, a Santíssima Trindade que é Família quer, no mundo de hoje, pensar, planear, falar e agir para que o Seu Reino se estenda e abrace toda a Família Humana. Assim, em todas as partes do mundo, poderão surgir sociedades imbuídas de justiça e de paz, promotoras de um desenvolvimento humano integral e a caminho para o Reino de Deus.

135. Estar habitado pelo desejo de permanecer em Deus e transformar a sociedade é possível, quando o Baptizado se vê como um Filho de Deus, que pertence inteiramente a Deus e leva, na Igreja, uma vida de fé, de oração e uma vida coerente. Assim, os Baptizados Africanos não mais admitirão pertencer a dois mundos: o mundo do dia e o mundo da noite, cristãos aos domingos e seguidores de crenças e práticas marabutistas nos outros dias da semana, entre outras. A convicção de estar com Cristo, Vitorioso da morte, e uma compreensão responsável da mística da cruz e do trabalho inovador, ajudarão os Fiéis a romper com as buscas de sucesso mundano e de enriquecimento, contrários ao Evangelho, com o risco de aderir



a práticas esotéricas, incluindo o tráfico de órgãos humanos e ritos satânicos.

136. A estratégia pastoral que promove uma vida de comunhão com Cristo leva os Fiéis a uma maior abertura ao Espírito Santo que age e transforma as pessoas e as situações sociais. Com a força do Espírito, os Discípulos de Cristo conseguirão romper com a mentalidade do fatalismo e da resignação, da indiferença, do espírito de passividade, de ociosidade e de falta de criatividade no trabalho e da busca de soluções fáceis para os problemas da vida.

137. A eficácia destas estratégias da Nova Evangelização é obra de Cristo, que derramou o Espírito de Pentecostes sobre a Igreja a fim de levar a Boa Nova do amor do Pai a todos. Que se elevem a Deus, Pai, Filho e Espírito orações incessantes para que a nossa Igreja Família de Deus tenha Pastores e Fiéis animados pelo sopro desta Nova Evangelização! Que este Deus de quem somos discípulos e obreiros na Igreja-Família de Deus em África, suscite novas mentalidades, conversões de corações e transformações sociais e eclesiais sem as quais não podemos cumprir a missão que Ele doravante nos confia e para a qual urge formar todos os membros da Igreja-Família de Deus!

Formação para a Nova Evangelização

138. A II Assembleia Especial para África do Sínodo dos Bispos (4-25 de Outubro de 2009) sublinhou a necessidade de prosseguir com a Nova Evangelização daqueles que já foram batizados (sem descuidar aqueles que ainda não fizeram uma primeira experiência de encontro com Cristo). É um apelo para formar todos os Cristãos Batizados no espírito e na vida de Jesus. Tal formação capacita os Cristãos e permite-lhes tornarem-se verdadeiros ministros do Evangelho. Devemos-nos tornar pessoas do Evangelho para sermos agentes credíveis da Nova Evangelização. Paulo, Apóstolo dos Gentios, teve primeiro uma verdadeira conversão pessoal, da sua educação judaica para a formação em Cristo e ao Seu Evangelho, antes de embarcar com implacável zelo para anunciar este Evangelho a todos os povos do Império Romano.⁶⁰ Porque Paulo dedicou toda a

⁶⁰ Consulte o seu relato em Fil 3,3-12; Gl 2,19-21.

sua vida a anunciar o Evangelho da salvação de Deus como um dom gratuito para todos sem discriminação, nós também, os Gentios de hoje, somos membros importantes da Família de Deus e ministros valiosos, administradores dos mistérios de Deus para o nosso Povo.

139. No centro do Evangelho, está o dom gratuito da salvação de Deus que não depende dos nossos méritos. A salvação não é uma recompense que um indivíduo merece pela observância das leis ou por suas acções (cf. Tito 3,4-18). Este Evangelho enraíza firmemente o Crente no amor de Deus, de tal modo que amar como Deus ama venha a tornar-se a regra de vida que cada um deve observar. Isso permite reconhecer-se que a graça de Deus não exclui ninguém. O amor dirige-se sem discriminação a todos os povos, tanto aos membros da amada Família de Deus, a Igreja, como àqueles que não acreditam no Deus de Jesus Cristo.⁶¹

Dimensão da Formação

140. A formação na nova maneira de viver e de anunciar o Evangelho exige sobretudo que cada Cristão batizado adulto se comprometa no estudo da vida de Jesus nos Evangelhos, primeiro como uma necessidade para si próprio. Pois, para ser um ministro eficaz do Evangelho, é preciso encontrar Jesus e permanecer com Ele, o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6); conhecer e aceitar o que Ele livremente dá e exige dos seus Discípulos como um imperativo do Evangelho e fazer dessas exigências um modo de vida. Esta pesquisa, estudo e compreensão da vida de Jesus não podem limitar-se apenas à compreensão de um indivíduo isolado. Realizam-se melhor em família e nas Comunidades Eclesiais de Base. A necessidade de uma sólida formação catequética na fé relativamente ao Evangelho está enraizada na oração e numa espiritualidade profunda. Isto vai para além da simples memorização e da recitação dos ensinamentos que a Igreja ministra no Catecismo para preparar aos Sacramentos de Iniciação Cristã (Baptismo, Confirmação e Primeira Comunhão) e, mais tarde, ao Matrimónio. Isso vai também para além do nível de conhecimento

61 CONCILIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja (Capítulo 2), conta os não-crentes entre “o povo de Deus”, já que a salvação de Deus não exclui ninguém.

acadêmico da Doutrina Social da Igreja. Na verdade, isto requer sobretudo pessoas que estejam profundamente convencidas da nova identidade que receberam de Deus como Filhos de Deus em Cristo. Com base nesta formação e na convicção que ela proporciona, pode-se dar testemunho da sua fé aos outros, por palavras e obras.

141. A nova formação requer também a evangelização das culturas. Já que cultura aqui, não se limita às tradições rituais apenas. Trata-se, essencialmente, da ordem do sentido e dos valores de edificação histórica, ética e espiritual das pessoas. Neste contexto, as práticas culturais tradicionais africanas eram e continuam a ser portadoras de valores, que encontramos no Evangelho, tais como a hospitalidade, o Ubuntu, o sentido da comunidade e a co-responsabilidade pela família, o relacionamento com as pessoas (do mesmo lugar) como irmãos e irmãs, e outros valores mencionados na *Ecclesia in Africa*.⁶² Dado que na pessoa de Jesus todos pertencemos à mesma aldeia e à mesma casa de Deus, que se estende “para além da etnia”, estas práticas culturais devem ser uma mais-valia para compreender verdadeiramente e viver plenamente o Evangelho, a tradição cultural salvífica que vem de Deus. Ele está além de todas as tradições culturais, pois elas encontram nele o seu pleno significado.

142. A formação para a Evangelização deve permitir identificar e assumir, através da força transformadora da Palavra de Deus na qual ela se baseia, todas as formas de culturas e práticas modernas que prejudicam a Vida Humana e a Criação. Essas formas e práticas culturais desenvolvem-se, actualmente, no mundo a uma velocidade vertiginosa, sob o pretexto de direitos segmentados dos indivíduos (direitos das mulheres, direitos das crianças, etc.), em vez de referir-se à dignidade inalienável da pessoa humana. Nenhum ser humano tem o direito de degradar a vida de Deus que traz nele ou a que está nos outros. Destruir ou reduzir a vida é reduzir-se a ser menos do que um ser humano. A crescente cultura do dinheiro, a partir da qual “se aprecia Deus” e se julga a qualidade da fé à luz das riquezas materiais, preocupando-se principalmente em obter bênçãos divinas de todo

62 PAPA JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 42-43.

tipo, prejudica o Evangelho da graça de Deus (Tito 3, 4-8). Esta cultura deve simplesmente ser rejeitada.

143. Porque o Evangelho diz respeito essencialmente ao plano de Deus em Cristo para unir à natureza divina todas “as coisas do Céu e da Terra” (Col 1,20; Ef 1,15), a Nova Evangelização deve preocupar-se com todas as culturas, nomeadamente as que estão em plena expansão no mundo: culturas de segregação, de privatização, de divisão dos membros de uma mesma família biológica e confessional. Todas estas culturas e contra-culturas precisam ser evangelizadas profundamente. É impossível promover a evangelização com uma visão e uma mentalidade cultural de divisão, seja ela pessoal ou comunitária.

144. A nova formação ensinará com coragem profética a verdade do Evangelho de Jesus de Nazaré; ela não se realiza fora da Igreja; mas abre-se às práticas culturais tradicionais que promovem os valores humanos. Este processo pode favorecer uma importante tarefa no sentido da conversão pessoal, religiosa e social e um trabalho valioso para a transformação da sociedade humana. Esta questão não deve ser abordada de forma polémica ou partidária, mas com um desejo sincero de descobrir e viver plenamente, em todos os aspectos da vida, “a nova humanidade” e a “nova criação” em Cristo (Ef 2,15; 2Co 5,17). Esta nova humanidade e esta nova criação transcendem não só os limites da raça e da classe, mas também os do homem e da mulher, que são um para o outro em Cristo (Gl 3,28). Esta tarefa convida à fé no poder de cura e de salvação do Evangelho. Para isso, encorajamos a obtenção pessoal da Bíblia por parte do Clero, das Pessoas Consagradas, dos Leigos com guias de leitura em conformidade com o ensinamento da Igreja.

145. A Nova Catequese é proactiva e não responde passivamente às crises na Comunidade, na Nação e no Mundo. Enquanto poder de Deus para salvar todos os povos, quaisquer que sejam as suas origens e o seu estatuto social, o Evangelho, nossa força, não precisa da permissão de um ser humano para ser proclamado. Jesus veio activamente procurar e salvar os pecadores. Ele veio para proclamar o Evangelho



de Deus, apesar das oposições e rejeições que experimentou até à morte e ressurreição.

146. A preocupação fundamental pelos pobres e os necessitados está no centro da Nova Catequese, como repetiu o Papa Francisco.⁶³ A grande Carta do Reino declara bem-aventurados os pobres (Lc 6,20; Mt 5,3). Além dos pobres, os refugiados, os migrantes, os excluídos, o pessoal doméstico explorado, etc., a preocupação pelos pobres deve incluir aqueles que são espiritualmente pobres. Todas estas categorias de pessoas devem ser convidadas a adoptar o estilo de vida evangélico, se quisermos trabalhar eficazmente para a transformação do mundo. Jesus estendeu a mão a todas as categorias de pessoas, aceitando até convites para jantar com indivíduos que, visivelmente, só o convidavam para controlar o seu comportamento perante as suas crenças e práticas tradicionais. E Ele usou tais ocasiões para convidar os seus hóspedes a se converterem (cf. Lc 7,36-50 ; 14, 1-24 ; 19,1-10).

147. Exortamos os Pastores e toda a Igreja-Família de Deus a tratar os Leigos com respeito e sentido de responsabilidade, eles que estão investidos pelo seu direito baptismal de se comprometerem a tornar-se colaboradores de Deus, na reconciliação do mundo com o mesmo Deus. Juntamente com o Papa Francisco, lamentamos que a tomada de consciência desta responsabilidade dos Leigos, que nasce do Baptismo e da Confirmação, não se manifeste da mesma maneira em todos. Isto, em alguns casos, porque não estão formados para assumir responsabilidades importantes; em outros, porque não encontraram espaços nas suas Igrejas particulares para se expressarem e agirem devido a um clericalismo excessivo que os mantém à margem da tomada de decisões.⁶⁴ Considerando esta situação, é necessário suscitar uma mudança de mentalidade que assegure o adequado equilíbrio entre direitos e deveres e que promova um espírito de serviço e de colaboração.

63 PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 187-216.

64 PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 102. Toda esta exortação apostólica pode servir como folheto de bolso e guia para a formação sobre a Nova Evangelização.

148. Os Leigos actuam na e para a Igreja no mundo, não só nas esferas política, social, económica, religiosa e moral, mas também no seio da própria Igreja Família de Deus. Indivíduos, Famílias, Casais, Comunidades Eclesiais de Base, Sociedades Piedosas, Paróquias, Casas de formação, Estudiosos da Bíblia, Teólogos e Instituições Teológicas, que devem fazer da formação para a Nova Evangelização a base de todos os seus programas e actividades.

149. A Nova Evangelização convida todos os Pastores a elaborarem em conjunto, a nível local, nacional, regional e continental, uma Nova Catequese que dote o povo de Deus de um sólido conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo, que é poder de Deus e fonte da transformação do homem, do sucesso dos seus empreendimentos sociais e da salvação do mundo. Para a Nova Evangelização, Jesus Cristo permanece o único Caminho, a única Verdade e a única Vida que Deus Pai, no Seu amor, deu ao mundo, sob o poder do Espírito Santo. Os Cristãos estão configurados com Ele pelo Baptismo, assim como por todos os outros Sacramentos, e pelo amor de Deus com que os marcou e os dotou para que sejam suas testemunhas no mundo. Os Cristãos receberam assim o dom insuperável de se tornarem Filhos de Deus e de viverem em todas as coisas como Jesus, que se tornou homem, para ensinar o homem a ser humano e divino, em palavras e obras.





III.4. ESPIRITUALIDADE E COMPROMISSO PARA UMA NOVA ÁFRICA

Uma Espiritualidade de Compromisso

150. Na Criação e ao longo da História da Salvação, Deus dá a vida através da Sua Palavra (Sl 33,6.9; Lc 4,21). Jesus Cristo é a Palavra de Deus feita carne (Jo 1,1). Em Sua pessoa, Ele revela que a Palavra é Vida (Jo 6,63) e que a Vida foi feita carne. A Palavra de Deus é Palavra de Vida. Ela se dá, se encarna, se concretiza, está voltada para o bem do outro, agindo em palavras e actos, para que a lógica do pecado e da morte não prevaleça sobre a da Vida no mundo. Assim, Deus está em si próprio, por natureza, comprometido, ou seja, está em permanente e contínuo movimento de acção para que o Seu Reinado de Vida e de Amor venha à Terra.

151. O compromisso de Deus com a vida no mundo explica-se pelo facto de Ele ser a Vida e ter criado o homem para que pudesse ter a vida em abundância (Jo 10,10). A Vida do Pai é dada pelo Filho Jesus Cristo, sob o poder do Espírito Santo, para que a humanidade seja libertada do pecado e da morte. Assim, a Palavra de Deus dá vida (Mt 4,4). Eficiente e eficaz no mundo, não retorna a Deus sem ter cumprido o que diz (Is 55,11; Heb 4,12). Criados à imagem de Deus que é Vida (Gn 1,26; Jo 14,6), os Discípulos de Cristo são chamados não só a ouvir a Palavra de Deus, mas a permitir-lhe realizar o que ela diz, pondo-a em prática. A mística do compromisso representa a força interior, a força da acção e o modo de existência através do qual os Cristãos podem dar testemunho da Palavra de vida. A adesão a Jesus Cristo, a fé na Sua Boa Nova, a conversão e a transformação do mundo em resposta aos seus desafios, em África, passam assim por uma espiritualidade de compromisso.

Compromisso, Acção Concreta para o Triunfo da Vida sobre a Morte

152. A espiritualidade do compromisso é uma atitude de escuta da Palavra para colocá-la em prática na vida quotidiana, em resposta aos desafios das sociedades de hoje. Trata-se de uma espiritualidade

que coloca o Baptizado num estado constante de despertar e de mobilização dos recursos internos e externos para dar conta da sua fé, através do testemunho, da unidade do dizer e do fazer. Através da espiritualidade do compromisso, na escola do Apóstolo São Paulo, o Baptizado deixa Cristo viver e agir nele (Gl 2,20); está consciente da sua missão e vive num espírito de responsabilidade existencial e de comunhão com o Espírito Santo. O seu objectivo é tornar-se um actor eficaz na transformação das realidades sociais, através do Evangelho, que é fermento da justiça e da vida em abundância para todos.

153. A espiritualidade cristã autêntica é sempre a do compromisso, um compromisso para o triunfo da vida sobre a morte, sobre o pecado e todos os dramas que provoca. De facto, no princípio do compromisso encontra-se um processo permanente de conversão, de mudança de coração e das mentalidades, assim como uma firme adesão ao Evangelho, em palavras e actos, de modo a fazer do testemunho cristão uma força de libertação de todas as formas de morte ou de opressão.

154. Esta espiritualidade da eficiência cristã é alimentada especialmente pelos Sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação. Também repousa na oração silenciosa e contemplativa, na meditação da Palavra de Deus, na adesão à sua verdade e na opção fundamental para uma vida de fidelidade ao Evangelho. Assim, esta espiritualidade permite aos Baptizados tornarem-se testemunhas do Evangelho de que a Igreja necessita para que África, “pulmão espiritual da humanidade”⁶⁵, não seja infectada por todas as formas de vírus do empobrecimento espiritual, cultural, económico e político.

Transformação do Mundo e Exemplaridade de Vida

155. Encorajamos todas as formas de espiritualidades cristãs que se enquadram já na perspectiva da nossa Igreja Família de Deus, promovendo corajosamente o espírito de comunhão e de acção concreta. Felicitamos e agradecemos a todas as Pessoas Consagradas, aos Fiéis, ao Clero e a todos os Membros da Igreja Família de Deus que

65 PAPA BENTO XVI, *Homília na abertura da II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para África*, 5 de Outubro de 2009, em Roma (Itália).



oram para encontrar, na comunhão com Deus, a escuta da Palavra de vida e a intercessão, as forças divinas, com vista a responder à sua vocação no mundo. Convidamos todos os Discípulos de Cristo a nunca perderem de vista o facto de que a “espiritualidade” e o ‘agir’ “para transformar o mundo”⁶⁶ andam de mãos dadas. Que se multipliquem em todos os canteiros de evangelização e de construção de uma nova África fiéis políticos, governantes, funcionários públicos, empregados e empregadores, mulheres e homens agentes económicos, nas actividades agrícolas, artesanais, comerciais, domésticas e informais, que não criam mais uma ruptura entre a fé e a política, o Reino de Deus e a transformação da terra, a salvação da alma e a vida terrena, a contemplação e a acção.

156. Alegremo-nos com o testemunho de fé dos fiéis, cuja exemplaridade da vida quotidiana, da solidariedade para com os pobres, de cumprimento das suas obrigações perante o Estado, de iniciativas de desenvolvimento local, da acção política, e a recusa de compromisso com práticas de injustiça, de corrupção e de enriquecimento ilícito, honram o seu nome de cristão e toda a Igreja. Exortamo-los, assim como todos os Membros da nossa Igreja-Família de Deus, a resistir por fidelidade ao Evangelho, até ao dom total da sua vida, às tentações e práticas que promovem a fé sem as obras, a injustiça, a acção política com fins egoístas e a pilhagem das riquezas do país, o culto das figuras políticas, a desonestidade, a demissão social e o rápido enriquecimento por meios ilícitos, mágicos e místico-religiosos.

Um Novo Sopro para as Espiritualidades Existentes

157. Recomendamos a formação de todos os Filhos e Filhas amados de Deus da nossa Igreja-Família de Deus na espiritualidade do compromisso. Esta formação deverá levar em consideração as espiritualidades existentes na fidelidade à pedagogia de Jesus Cristo que não vem para abolir, mas para cumprir (Mt 5,17). A espiritualidade do compromisso não rejeita as devoções populares,

66 PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica pós-sinodal, Amoris laetitia*, Cidade do Vaticano, 2016, 324.

a “espiritualidade popular” ou “misticismo popular”.⁶⁷ Trata-se, diz-nos o Papa Francisco, de uma “espiritualidade verdadeira encarnada na cultura dos simples, como a oração, a adoração eucarística ou a celebração da fé.”⁶⁸ Por isso, os Agentes Pastorais deverão fazer delas o lugar da Catequese e do acompanhamento dos Fiéis, para que possam levar uma vida de comunhão com Deus e de existência social que os faça sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14).

158. Os Sacerdotes e outros Agentes da Pastoral deverão, portanto, acolher e transformar, a partir de dentro, as devoções populares e os vários grupos de oração e de espiritualidade que dão mais importância aos exercícios de piedade e às intercessões intermináveis do que a uma vida espiritual de leitura, de escuta, de meditação da Palavra de Deus, bem como de conversão, de prática dos Sacramentos e de compromisso social. Há que se ter as mesmas atitudes em relação às espiritualidades de libertação e de prosperidade que advogam um Cristianismo esvaziado da mística da cruz, focalizado principalmente no sucesso, na solução milagrosa dos problemas da vida.

159. Estas espiritualidades, decerto, despertam a Igreja para as dimensões da salvação, em relação às quais ela deve ser mais sensível. Sabe-se, no entanto, que elas expressam a fuga da cruz com base na fé de que se pode ter uma vida bem sucedida sem passar pelo caminho das provas, sem lutar contra o pecado e sem trabalhar para transformar as realidades sociais. Deste ponto de vista, estas concepções levam a falsas espiritualidades. O Papa Bento XVI exorta os Cristãos a levarem uma vida baptismal enriquecida por uma “espiritualidade sã”⁶⁹, uma espiritualidade através da qual o “sim” da aceitação de seguir Cristo seja orientado, para uma atitude de conformação do ser e do agir, de acordo com as exigências do Evangelho, carregando a sua cruz, “se necessário, até ao martírio”⁷⁰, num “espírito de reconciliação, de justiça e de paz”.⁷¹

67 Cf. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 124.

68 *Ibidem*, 124.

69 PAPA BENTO XVI, *Africae munus*, 16.

70 *Ibidem*, 34.

71 *Ibidem*.



160. Pedimos veementemente que em todas as Regiões, Dioceses e Paróquias da nossa Igreja-Família de Deus, em África e Madagáscar, os Leigos tomem a opção fundamental de viver a « *sã espiritualidade que permite ao Espírito de Cristo libertar o ser humano para que ele possa agir eficazmente na sociedade* ».72 É a garantia para a manifestação de uma Igreja Africana cujos Filhos e Filhas não sejam, sob os efeitos dos problemas da sociedade, cristãos que vivem no sincretismo ou que abandonam as suas Comunidades de Fé Católica, para aderirem a outras Confissões Cristãs e Religiões ou a Movimentos de espiritualidade esotérica e místico-religiosos. Que o acompanhamento espiritual dê a conhecer o espírito e os recursos da autêntica espiritualidade cristã a todos os Membros da Comunidade Cristã, especialmente às mulheres, aos jovens, aos quadros superiores e às personalidades políticas confrontados com os problemas de libertação, de protecção e de sucesso humano!

Pesquisas, Exemplo dos Santos Africanos, Tecnologias da Informação e da Comunicação e Arte Sacra.

161. Encorajamos os Centros de animação espiritual e de formação cristã, os Mosteiros, os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica com as suas Casas de Formação, os Seminários Maiores, as Escolas de Catequese, os Institutos Superiores e Universidades Católicas, entre outras, a realizarem pesquisas no sentido de uma espiritualidade de compromisso, que assuma as preocupações das pessoas e as exigências da sua fé em Jesus Cristo. Profundamente evangélicas, contextualizadas e inculturadas, estas investigações deverão dar um lugar de destaque ao modelo dos Santos Africanos, especialmente os de Uganda, que souberam resistir, até à morte, às tentações e propostas sociais contrárias à fé, bem como à intimidação do rei e dos chefes políticos que desafiaram, através do seu vínculo com Cristo e da sua fidelidade aos valores evangélicos. Esta espiritualidade de compromisso ajudará, neste sentido, os Africanos a experimentarem a possibilidade de uma vida de santidade incarnada nas condições sócio-culturais e políticas da sua existência cristã, a exemplo dos Santos do seu Continente.

72 PAPA BENTO XVI, *Africae munus*, 16.

162. Exortamo-nos mutuamente a utilizar as Técnicas de Informação e de Comunicação e a Arte Sacra, para alimentar a oração e as celebrações de símbolos, gestos, ritos culturais e religiosos, que expressam o enraizamento do Evangelho na Cultura Africana. Será fomentada uma comunhão viva dos Africanos com Cristo, onde quer que estejam, e tornando-os mais conscientes do seu dever de ouvir e de pôr em prática a Palavra da vida em abundância.

A Igreja-Família de Deus, Testemunha da Esperança

163. A vontade de Deus, de oferecer a esperança de redenção e de salvação à humanidade está ligada ao Seu apelo constante ao homem. Várias passagens do Antigo Testamento testemunham esta realidade. O relato do Novo Testamento sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, com a sua sequência nas experiências pós-ressurreição e a grande Missão (Mt 28,18-20), constituem o ponto culminante. A partir deste grande Mandato Missionário, a Igreja, que experimentou Jesus e continua a experimentá-l'O, torna-se sinal e testemunho da mesma esperança que Deus oferece, constantemente, à Humanidade, desde os tempos antigos.

164. Em todas as suas decisões, implícita e explicitamente, o Concílio Vaticano II representa uma mensagem de solidariedade da Igreja para com o mundo, bem como uma mensagem de esperança no centro da história destes tempos, cheios de infortúnios. « *As alegrias e esperanças, as tristezas e ansiedades dos homens do nosso tempo, especialmente dos pobres e dos aflitos de todo o tipo, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e ansiedades dos Discípulos de Cristo* ». ⁷³ Isto significa que a Igreja está intimamente ligada ao Mundo, a toda a Humanidade e à sua História. Ela olha para toda a Família Humana e propõe-lhe colaborar na construção da autêntica Família de Deus, comunidade fraterna que corresponde à dignidade do homem e da mulher criados à semelhança de Deus. ⁷⁴ Graças à sua solidariedade com todos os

⁷³ Cf. CONCILIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 1.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 17.



homens, a Igreja, como Família de Deus, compreende-se a si mesma como « o fermento, ou seja, a alma da sociedade humana, destinada a ser renovada em Cristo e transformada na Família escatológica de Deus ». ⁷⁵

165. Partindo do amor do Pai eterno, a Igreja foi fundada por Cristo no tempo e reunida pelo Espírito Santo. Ela tem um propósito salvador e escatológico, que só pode ser plenamente alcançado na vida futura. Mas ela está agora presente aqui na terra, e é composta por homens e mulheres, os membros da cidade terrestre, que são chamados como Família dos Filhos de Deus, para dar testemunho de Deus, nesta história tumultuada da Humanidade, até que o Senhor venha. Assim, a Igreja, como organização visível e comunidade espiritual, faz o mesmo caminho que toda a Humanidade e partilha o mesmo destino terreno com o Mundo. Contudo, ela permanece o fermento, a alma e a esperança da sociedade humana na sua renovação através de Cristo e na sua transformação em Família de Deus. ⁷⁶

166. A Igreja compreende o seu papel na transformação do mundo *hic et nunc*, bem como a assunção de toda a Humanidade na Família de Deus, no fim dos tempos. Concretamente, é uma Família nova e evangélica, constituída por filhos e filhas que não nasceram nem do sangue nem da vontade do homem, mas do mistério da paixão de Cristo. Nascida do amor do Pai por todos, a Igreja-Família de Deus não é nada mais senão o Corpo fraterno de Jesus Cristo alargado e transmitido aos homens e mulheres chamados a tornarem-se o Seu próprio Corpo.

167. Partindo de Deus, a Igreja-Família de Deus é feita para a Humanidade, para que partilhe a sua vida. Ela é, neste sentido, um mistério de relacionamento e de comunhão dos Homens com Deus e dos Homens entre eles em Deus. A participação na vida de Deus, que torna a Igreja uma Família, vincula a sua missão com a natureza de Deus. A Igreja-Família de Deus é um mistério de comunhão, porque ela traz em si uma vida que é vínculo e comunhão de amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo; trata-se da vida mesmo de Deus, como

⁷⁵ *Ibidem*, 40.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*.

Família ou Trindade, que se deve acolher e comunicar aos outros, a toda a Humanidade. A Igreja é o dom e a extensão da vida de relacionamento, de comunhão e de amor de Deus para com os homens. Esta vida reúne numa só família uma multidão de homens e mulheres a quem ela é transmitida; compromete-os a imitar Deus que se revela a eles, como relação e comunhão de amor, convidando-os a acolher a própria vida de Deus nas suas vidas, de modo a torná-la eficaz na sua vida quotidiana.

168. Devido à sua natureza dupla, visível e invisível, a Igreja é o sacramento da união íntima e profunda dos homens com Deus e da unidade de todo o género humano na Família de Deus em Cristo. Por outras palavras, a Igreja é o mistério de Cristo, nascido, morto e ressuscitado para a salvação de todos. Este mistério aparece na vida dos Cristãos (Ef 3,8-11). A Igreja-Família de Deus é a realização do mistério de Cristo no mundo.

169. A Igreja é a comunidade de pessoas que, tornando-se Crentes em Cristo, aderem aos Seus ensinamentos e vivem na esperança da glória que há-de vir. Esta Comunidade é fortemente marcada pelo amor de Cristo e pela unidade da divindade, que se manifesta na vida dos seus membros. É neste amor e nesta unidade, mesmo com a separação provocada pelas fronteiras nacionais, as diferenças raciais, étnicas, tribais, linguísticas e ideológicas, que sempre existirá, entre os homens, uma “unidade” que é o reflexo do corpo de Cristo.

170. Nesta Família de Deus, Cristo existe em cada momento da história para manifestar o amor e a glória do Pai através dos seus membros. É esta manifestação de amor e da glória do Pai que faz da Igreja, Família de Deus, não apenas uma estrutura existente na sociedade humana, mas uma esperança viva, um princípio vivificante, uma fonte de água viva que corre nas circunstâncias áridas do mundo humano (Ez 47,8-10), dando vida ao que está morto, revigorando os “fracos” e rejuvenescendo os “velhos” na fé, reavivando os corações dos homens, dando-lhes uma antecipação da maior esperança que está por vir.

171. A partir desse resultado na vida do Africano, a Igreja- Família de Deus torna-se simultaneamente um “sinal” e uma “testemunha” de esperança para o Continente e o seu Povo. Como sinal, a Igreja existe, tanto como edifício ou estrutura para a qual os Africanos voltam-se a fim de encontrar a esperança, e como também a maior realidade daquilo que ainda está por se realizar. Enquanto testemunha de esperança, a própria Igreja encontrou Cristo, caminhou com Ele; ficou aos Seus pés, escutou-O e foi por Ele transformada e assim elevada a um nível superior de esperança no seu Senhor ressuscitado. Sabendo bem que esta esperança nunca faltará (Rm 5,5), a Igreja transmite-a a todo o Povo Africano, através do seu Mandato Missionário que recebeu do seu Senhor, testemunhando-a verdadeira e autenticamente na sua vida.

172. O Concílio Vaticano II apresentou no seu Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja, *Ad Gentes*, o que deve ser o testemunho Cristão: « *Todos os Fiéis, onde quer que vivam, são obrigados a manifestar, pelo exemplo da sua vida e pelo testemunho da sua palavra, o homem novo que assumiram pelo Baptismo e pelo poder do Espírito Santo que os fortaleceu pela Confirmação, para que outros, considerando as suas boas obras, glorifiquem o Pai (cfr. Mt 5,16) e percebam mais plenamente o sentido autêntico da vida humana e o vínculo universal da comunhão entre os Homens* ». ⁷⁷

173. Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, a virtude da esperança é a aspiração à felicidade que Deus colocou no coração de cada homem. ⁷⁸ Esta aspiração à felicidade investe e fecunda as actividades humanas, purificando-as para as conformar com o Reino dos Céus. Protege o homem do desânimo e o apoia em tempos difíceis. Ele abre o seu coração na expectativa da felicidade eterna. Animado pela esperança, o homem é preservado do egoísmo e conduzido à felicidade que flui da caridade.

174. É na trágica situação da Humanidade que a Igreja, como Família de Deus, deve cumprir hoje a sua missão profética e testemunhar, através da sua mensagem e dos seus actos, a Boa Nova

77 CONCILIO VATICANO II, *Ad Gentes*, 11.

78 Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n° 1817.

da salvação e da esperança dada a todos. A missão de testemunhar a esperança cristã num Continente confrontado com as guerras e as várias formas de miséria, obriga a Igreja, enquanto Família de Deus, a empenhar-se radicalmente pela justiça e pela paz, a fim de melhorar as estruturas sociais. Deve ainda comprometer-se a proclamar a mensagem cristã que se realiza através da libertação dos oprimidos. Na situação actual da África, a Igreja-Família de Deus tomou consciência do seu papel primordial neste domínio. Para ela, a reconstrução cultural, social, política, económica e ecológica de África não pode acontecer sem recorrer a Deus e sem referência aos valores éticos da humanização, da convivência comunitária harmoniosa, de respeito pelo bem comum, do trabalho criativo, da partilha, da justiça e da paz. É portanto considerando a Igreja como a força da mudança concreta e total na sociedade, no espírito do Evangelho do Reino de Deus, que é vida e amor, que a teologia da Igreja como Família de Deus foi concebida e mantida como opção pastoral para a evangelização do Continente, uma opção aberta à esperança.

175. A esperança é, portanto, a virtude através da qual a Igreja guarda e protege os seus Filhos na sua luta pela salvação. Traz-lhes alegria mesmo nas tribulações. A esperança não se limita, porém, à existência humana. Assume um valor mais elevado quando transcende as condições humanas actuais e mostra-nos a realidade futura que será revelada. Isto reflecte-se na dimensão escatológica da Igreja, que é um sinal de esperança para a humanidade: todo o género humano aspira a estar unido numa só e mesma Família de Deus, onde Cristo, o Primeiro Filho de uma multidão de Irmãos e Irmãs, será tudo em todos (cf. Col 3, 11).

176. Empenhar-se na construção de uma sociedade humana mais justa e de um mundo sem divisões e sem ódio é portanto uma exigência da esperança cristã. Este compromisso decorre precisamente da expectativa actual de salvação futura. Tal esperança deve, sem dúvidas, constituir a razão de ser das Comunidades Eclesiais de Base, das Associações e dos Movimentos Católicos.

O Reino de Deus e os Sinais da sua Presença entre Nós

177. Encarando-se essencialmente como missionária, a Igreja como Família de Deus em África pode conceber-se ela própria como o lugar onde o Reino se realiza hoje, e torna visíveis os sinais da sua presença no meio dos homens na fé, na esperança e na caridade. O Reino, como semente, está presente na Igreja, mas aguarda pela sua plena realização no fim dos tempos. Só estará plenamente presente quando a reconciliação do mundo estiver concluída. Só então o Pai terá terminado de reunir toda a Humanidade numa só Família, aquela que Ele forma com o Filho e o Espírito.

178. Isto implica o carácter temporário daquilo que parece ser para nós uma expressão institucional da Igreja enquanto Família de Deus. Por outras palavras, a Igreja, como Família de Deus, assiste num horizonte limitado à vinda do Reino de Deus. Por conseguinte, tal como não é idêntica ao Reino de Deus, também não pode ser assimilada a uma família puramente humana. É necessário portanto distingui-la claramente dos dois, sem separação ou confusão.

179. Qual é finalmente o destino do Africano e a sua esperança na Igreja como Família de Deus para o Reino? A salvação do homem e de cada homem, dom de Deus por Cristo, começa agora na terra e alcança a sua plenitude na ressurreição dos mortos. Porque toma parte no Reino de Deus e o manifesta no mundo, a salvação cristã é intrínseca e inseparavelmente histórica e meta-histórica, imanente e transcendente. Como nos recorda o Concílio Vaticano II, unidos com Cristo na Igreja e selados pelo Espírito Santo, somos chamados Filhos de Deus e verdadeiramente filhos de Deus. Somos Família de Deus na Terra, mas uma Família que só se consumará na glória de Cristo.⁷⁹ Trata-se da salvação integral do homem no seu relacionamento com Deus, com os irmãos e irmãs e com os outros; com o mundo e com a história.

180. Ao convidar todos os homens para a salvação, Cristo os introduz na sua Família e os torna morada de Deus, o lugar da vida com Ele. Consequentemente, cria um novo vínculo de solidariedade

⁷⁹ Cf. CONCILIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 48; Cf. 1Jn 3, 1; Eph 1, 14.

familiar e fraterna entre os homens. Toda a Humanidade é portanto chamada a formar uma e única Família de Deus, um Povo de Deus que, na comunhão do amor fraterno e solidário, e na mesma esperança, caminha para a Terra Prometida.⁸⁰ Desta forma, o Reino, destino da Família de Deus, inaugurada sobre a terra pelo próprio Deus, passando por tentações e tribulações, sustentado pela virtude da graça de Deus, constantemente renovado pelo Espírito, pode crescer até receber de Deus o seu cumprimento.⁸¹

181. Neste contexto, a esperança cristã não só diz respeito ao indivíduo, mas a toda a Comunidade. Ela deve manifestar-se e expressar-se nas estruturas da Igreja em África, tais como as Comunidades Eclesiais de Base e as diversas Associações e Movimentos Cristãos. É desta forma que os Cristãos podem contribuir na expansão do Reino de Cristo, Reino de amor e de justiça, e suscitar nos Homens a verdadeira esperança na presença de Deus no meio deles.⁸² Para a Igreja-Família de Deus e para os Africanos que vivem na incerteza, numa África desmantelada, o seguimento de Cristo e a adesão ao seu Reino devem encorajar todos a procurar, na sociedade africana, a reconciliação e a unidade perfeita, através da caridade fraterna e da prática da justiça. Pois « *quem, seguindo a Cristo, procura primeiro o Reino de Deus, encontra nele um amor mais forte e mais puro para ajudar todos os seus irmãos e irmãs e para realizar uma obra de justiça, sob o impulso do amor* ». ⁸³ Mais concretamente, a existência activa do Cristão Africano, a vida e o lugar da Igreja-Família de Deus neste mundo passageiro, testemunham a presença concreta do Reino neste Continente, um Reino de fraternidade e de justiça, de solidariedade e de partilha dos bens com os quais Deus providencia os seus Filhos desde a Criação.

182. Ao proclamar que todos os Homens estão destinados a participar na salvação futura, que já começou na terra, a Igreja quer dizer que Deus não salva o homem com a simples promessa de

80 Cf. CONCILIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 1, 13, 18, 24-45.

81 Cf. CONCILIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 9.

82 Cf. CONCILIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 35, 36, 48; GS 39, 93.

83 CONCILIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 72.

felicidade no além. A Igreja torna credível a presença de Deus através da sua participação na transformação das realidades africanas, para que elas possam manifestar a glória de Deus em Jesus Cristo. Proclamar o Reino de Deus como sinal da presença de Deus sem obras de amor cristão, sem solidariedade fraterna, equivaleria a desacreditar-se a si mesmo, a dar um contra testemunho, a negar a sua própria palavra.

183. O Concílio Vaticano II afirmou repetidamente que a actual situação da Igreja exige reformas e renovações profundas.⁸⁴ É, pois, urgente que a Igreja em África se liberte das estruturas históricas consideradas como uma distorção do seu carácter evangélico e da sua missão apostólica e pastoral, realizando um exame crítico, histórico e ético, a fim de restituir à Igreja a sua dimensão autêntica, na qual a geração actual pode reconhecer o rosto de Cristo e sentir a presença do Reino de Deus nas suas situações concretas de vida. É neste sentido que a Igreja em África proclama o Evangelho para provocar mudanças de coração, operar transformações sociais, renovar-se em si mesma e fazer nascer e multiplicar o *Africanus novus*, o novo africano, especialmente um novo tipo de Cristão Africano, aquele que vive verdadeiramente para Cristo e cuja maior preocupação na sociedade é dar testemunho do Reino de Deus, criando os sinais da sua presença no Continente através da sua comunhão activa com o Espírito Santo.

184. Conscientes de que somos a Igreja, nós todos, Cristãos Africanos, sejamos os sinais e a presença de Deus na nossa parte do mundo! Devemos portanto começar a reconhecer a nossa situação pessoal e comunitária como pessoas amigas de Cristo e escolhidas por Ele, embora pecadoras, para uma nobre missão (cf. Jo 15,14-16); reconhecer a nossa incapacidade de responder sozinhas à esta missão, de modo a colocar a nossa total confiança na promessa divina. Com isto, temos a garantia de que a nossa história actual está aberta ao Reino de Deus. Assim, nem o desespero nem o pessimismo podem ser justificados no que respeita ao futuro de África.⁸⁵

84 Cf. CONCILIO VATICANO II, *Lumen Gentium* 8, 15; *Gaudium et Spes*, 21, 42, 76, 88; UR 6

85 Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 14.

185. Uma vez introduzida na esperança cristã, a Igreja como Família tornar-se-á um lugar e um sinal de esperança para África, terra de vida, mas que se debate com crises que a saturam de más notícias, no mundo de hoje, um mundo marcado por enormes injustiças, a nível internacional e nacional. Um mundo em que o progresso técnico e industrial aumenta cada vez mais o fosso entre países ricos e países pobres, a ponto de facilitar a acumulação de riqueza aos grupos minoritários em detrimento dos mais carenciados, privados das necessidades básicas de uma vida humana condigna, para não falar daquilo que é indispensável para a sobrevivência; um mundo que, ao mesmo tempo, está tomando consciência da fraternidade universal e da necessidade urgente de introduzir mudanças nas estruturas político-económicas e culturais, a fim de eliminar as desigualdades opressivas e de incentivar um espírito de partilha entre os seres humanos. A Igreja-Família de Deus tem o dever de transformar o mundo, de inventar um mundo de amor e de fraternidade, para que, sempre e em toda a parte, o Homem possa não só ser digno da imagem de Deus que verdadeiramente é, mas também digno do seu estatuto de Filho, graças ao sacrifício de Cristo, o Filho Unigénito.

186. Nesta perspectiva, é necessário e urgente reconhecer a afirmação radical do direito de toda a Humanidade à felicidade e à plenitude da vida. São os Filhos de Deus dispersos (cf. Jo 11,52) que Cristo reuniu numa Família unida, guardada e mantida pelos Sacramentos que expressam o Reino de Deus entre nós. Com a vinda deste Reino, a presença de Deus torna-se uma realidade autêntica apenas no compromisso concreto com a fraternidade, a solidariedade e a justiça no mundo: a verdade do Evangelho realiza-se no amor ao próximo (cf. Rm 13:8-10).

187. A caridade, característica do Reino de Deus, assume assim toda a vida eclesial. O dinamismo do Reino de Deus transforma a ordem da sociedade temporal, difundindo os valores que fundamentam uma ordem social digna do ser humano. Se o amor por todos os seres humanos é uma questão vital para África de hoje, como Cristo



o encarna e o vive, a teologia da Igreja-Família de Deus não tem outro projecto pastoral e teológico senão o de gerar uma reflexão que conduza a uma civilização do amor.

188. Tal amor é o sinal da presença de Deus entre nós. É este mesmo amor que os Mártires e os Santos Africanos testemunharam. Mais ainda, é na perspectiva da prova inegável de um amor fraterno e comunitário, capaz de chegar a todos os Homens, em situações mais sinistras da história e até à morte, que reside a missão profética da Igreja Família de Deus em África: revelar aos Homens a proximidade de um Deus que é Pai e que os une na vida e na morte; um Deus que, em Jesus Cristo, veio Ele mesmo a este mundo; aqui cresceu, trabalhou, morreu e ressuscitou como “Primogénito entre muitos irmãos” (Rm 8,29) para nos levar com Ele a Seu Pai, que é nosso Pai, no Seu Reino celestial.



III. 5. ÁREAS DA MISSÃO

Evangelização e Promoção Humana Integral

189. A salvação envolve todas as realidades económicas, políticas, sócio-culturais, ecológicas, éticas e, portanto, abrange todas as questões contemporâneas relacionadas com a globalização e a educação. Desde a I Assembleia Plenária do SCEAM, mais ainda durante a VI, de 29 de Junho a 5 de Julho de 1981, em Yaoundé (Camarões), sobre “*Justiça e Evangelização em África*”, e a VII, de 15 a 22 de Julho de 1984, em Kinshasa (RDC), sobre “*A Igreja e a Promoção Humana Hoje em África*”, sublinhamos que a justiça e a promoção humana fazem parte integrante do Evangelho do Reino de Deus. Na Igreja, diz o Papa Francisco, « *reconhecemos a íntima ligação entre evangelização e promoção humana, que deve necessariamente ser expressa e desenvolvida em toda a acção evangelizadora* ». ⁸⁶

190. Apesar das obras que a acompanham e que constituem o orgulho da Igreja, a evangelização do Continente é fragilizada pela persistência da miséria insuportável nos nossos diferentes países. Exortamos os Cristãos e todos os Agentes Pastorais, assim como as Comunidades Cristãs a ligar sempre e inseparavelmente Evangelização e Desenvolvimento Integral, especialmente no campo da ecologia, da governação, da luta contra a violência e a expansão à escala mundial de uma cultura de morte, propagandista de uma ética relativista e permissiva.

191. A Missão do Evangelho em África, hoje, deve consistir em tornar o Evangelho conhecido, amado, acreditado e posto em prática como mensagem de vida em abundância. No seu Filho Jesus, Deus

86 PARA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Cidade do Vaticano, 2013, 178. Ver também PAPA PAULO VI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Evangelii Nuntiandi*, Cidade do Vaticano, 1975, 31 e PAPA JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Ecclesia in Africa*, Iaundé, 1995, 68. Ver também *Evangelii nuntiandi*, 31 e *Ecclesia in Africa*, 68.



derramou o seu Espírito sobre nós para que sejamos, a todos os níveis, testemunhas da sua vida que nos liberta do pecado e de todas as formas de opressão. A espiritualidade da vida que emerge deste processo emana de Cristo morto e ressuscitado. É comunhão com Ele, o Pai e o Espírito, vincular-se à Sua palavra e ação, fé e vida, dom de si até a morte para a vinda do Reino de Deus.

Enraizamento do Evangelho nas Culturas Africanas

192. A Evangelização, na perspectiva do Reino de Deus, convida-nos a enraizar a mensagem de Cristo nas realidades culturais e históricas, como nos ensina *Ecclesia in Africa*.⁸⁷ Neste sentido, o Papa João Paulo II enfatiza que a evangelização das culturas representa a forma mais profunda e mais global de evangelizar uma sociedade. É através da cultura que a mensagem de Cristo penetra nas consciências das pessoas e se projecta no *ethos* do povo, nas suas actividades, suas instituições e suas estruturas.⁸⁸ O Papa Francisco acrescenta: « *Através da inculturação, a Igreja introduz os povos com as suas culturas em sua própria comunidade, porque toda cultura oferece valores e modelos positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é anunciado, compreendido e vivido* ».⁸⁹

193. Recomendamos a promoção de uma Pastoral da Cultura. Devemos continuar a trabalhar para pôr fim à ruptura entre o Evangelho e a Cultura Africana. O Evangelho, assim recebido, será fonte de verdadeira conversão e de compromisso para a transformação das nossas sociedades, de uma nova participação na missão da Igreja e a manifestação de um “Cristianismo Africano” (Papa Paulo VI).

194. Os nossos Teólogos são chamados a investir nesta Pastoral da Cultura, na perspectiva de uma teologia que pense a fé, como força de renascimento da história e da sociedade. Uma cultura evangelizada torna-se uma referência essencial, para trabalhar no desenvolvimento autêntico de uma nação. As culturas concretas em que o homem vive e evolui constituem assim o lugar do encontro com Deus.

87 CF. PAPA JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 59-62.

88 CF. L'Osservatore Romano, 20 de Outubro de 1992, p. 9.

89 PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 116.

195. Não há humanidade ou desenvolvimento sem uma cultura própria que se abra aos outros, sem se perder ou se diluir neles. Aculturada na sua relação com outros povos, África enfrenta hoje novas dominações culturais ligadas principalmente aos efeitos nocivos da nova ética global.

196. Recomendamos que os agentes e os destinatários da educação sejam preparados a uma abordagem crítica da Cultura Africana e à interculturalidade. Que se invistam em todos os sectores do desenvolvimento dos nossos países, tendo em conta os valores nobres da Cultura Africana e os dos outros povos, bem como a sua realização em Jesus Cristo.

A Família

197. A Família, futuro da África e da Humanidade! A sua participação na missão da Igreja e na transformação da sociedade é a nossa grande preocupação. A SCEAM já escreveu extensivamente sobre a família durante a preparação do Sínodo sobre este tema. A Família é a “célula primeira e vital da sociedade” e Igreja Doméstica. Ela condiciona a adesão dos fiéis à nova visão de evangelização e à sua educação para responder à sua vocação cristã, diante dos diferentes desafios do nosso tempo. As mudanças, as políticas e comportamentos contrários à sua natureza e vocação, particularmente em África, não devem destruí-la. O Papa João Paulo II chamava a nossa atenção: « *Não permitais que a Família Africana seja espezinhada em sua própria terra*». ⁹⁰

198. Encorajamos todas as iniciativas em prol de uma Pastoral que proteja e encoraje as Famílias a trabalhar, para não perderem a sua identidade e não se deixarem fragilizar pelas mudanças, ideologias e práticas contrárias à sua vocação.

199. Fazemos um veemente apelo aos nossos Governantes, no sentido de promoverem novas políticas que responsabilizam os indivíduos a reconhecer o valor eminente da Família e a tomar iniciativas concretas para a sua reconstrução. Na lógica dos recentes

⁹⁰ PAPA JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 84.



Sínodos sobre a Família, a nossa acção pastoral dará maior ênfase a três aspectos:

- ✓ Ajudar os Jovens a descobrir o valor e a riqueza do Matrimónio. As nossas Paróquias devem oferecer uma preparação longa que permita amadurecer o amor recíproco dos Noivos, graças a um acompanhamento de proximidade e de testemunho;
- ✓ Acompanhar os Casais nos primeiros anos de vida conjugal. Este período é considerado vital e muito delicado, o nosso acompanhamento pastoral terá, assim, como objectivo principal ajudar os Casais a crescer na fé e a tomar consciência dos desafios e do sentido cristão do Matrimónio, para responder às suas exigências;
- ✓ Fortalecer a espiritualidade matrimonial e familiar. A nossa preocupação pastoral pelas Famílias consistirá em desenvolver uma espiritualidade de comunhão familiar, à imagem da comunhão Trinitária.

A Educação

200. A educação participativa e baseada nos valores nobres da Cultura Africana, aberta ao mundo contemporâneo e inspirada no Evangelho garante a Nova Evangelização e o desenvolvimento integral dos nossos Povos. Com o Papa Bento XVI concordamos que a educação é um laboratório de humanização.⁹¹ A escola é um instrumento precioso para aprender a construir na sociedade, desde a infância, os laços de paz e harmonia através da educação nos valores morais e espirituais. Devemos portanto trabalhar para garantir que as Crianças em idade escolar possam frequentar a escola: é uma questão de justiça para cada criança.

201. Destacamos com o Papa João Paulo II a estreita ligação entre educação, cultura e moralidade. A educação consiste em tornar o homem cada vez mais homem, que possa “ser” mais e não somente

⁹¹ Cf. PAPA BENTO XVI, *Africae munus*, 76.

que possa “ter” mais, e por isso, através de tudo o que ele “tem”, tudo o que “possui”, saiba cada vez mais plenamente ser homem. Para tal, é necessário que o homem saiba “ser mais” não só “com os outros”, mas também “para os outros”. A educação tem portanto uma importância fundamental para a formação das relações inter-humanas e sociais.⁹²

202. A educação deve visar a formação integral do homem: o desenvolvimento intelectual e espiritual, a formação da consciência moral, a aquisição de valores humanos e culturais iluminados pelo Evangelho.

203. As nossas Escolas, Universidades e outras Instituições de Ensino Superior deverão ser lugares privilegiados para a transmissão de conhecimentos impregnados de verdade, de saber-fazer e de saber-ser animados por uma consciência cristã, formada à luz da doutrina social da Igreja.

204. Fazemos um pelo especial a todas as Famílias Religiosas cujo carisma principal é a Educação Católica para que não abandonem este importante campo da promoção humana.

205. O nosso desejo é que as Conferências Episcopais Nacionais e Regionais possam promover Universidades fortes e de excelência, assim como Centros de investigação competitivos. A missão que a Igreja confia a estas Universidades é a de serem verdadeiros lugares de criatividade, de inovação e de busca de soluções para os problemas complexos da nossa sociedade. Queremos que estas Universidades trabalhem eficazmente para tornar presente e fazer avançar a mensagem de Cristo nas diferentes áreas da Cultura Humana.

Cristãos e Liderança Política

206. Pela sua proximidade com Cristo, Filho do Pai sobre quem repousa o seu Espírito, manifestação do seu Reino de justiça, de vida e de paz, o Cristão é uma oportunidade para as Nações Africanas ansiosas por uma ordem política, de respeito pelos direitos humanos

92 CF. PAPA JOÃO PAULO II, *Discurso à UNESCO, 2 de Junho de 1980*, in *Documentation catholique* 1980, n. 1788, pp. 603-609.



e de desenvolvimento integral. A identidade e a vocação dos Discípulos de Cristo, como sal da terra e luz do mundo, tomam todo o seu significado, quando a política e o projecto de uma civilização mundial não servem interesses egoístas ou de dominação de uma cultura sobre as outras. Por isso, os Fiéis são chamados a assumir as suas responsabilidades políticas, em conformidade com as exigências do Evangelho e com a Doutrina Social da Igreja. Desta forma, Eles serão o fermento no mundo que transforma as instituições nacionais e internacionais, a partir de dentro, a fim de eliminar as estruturas de pecado.

207. Pela sua natureza e missão, a Igreja-Família de Deus deseja e trabalha fervorosamente para que todos os povos e todas as nações possam alcançar uma qualidade de vida material, moral e espiritual que resulta da conversão dos corações, da mudança de mentalidade, do testemunho de amor, do trabalho criativo e das práticas sociais de justiça, de reconciliação e de paz. É muitas vezes mal compreendida quando denuncia as injustiças, a resignação social, todas as práticas políticas contrárias a um Estado de direito, o direito das nações à auto-determinação e o direito à defesa dignidade humana. A sua missão é divina; portanto, não deixará de ser a voz dos sem voz, de colocar as obras sociais e educativas em benefício da Comunidade, de interpelar aqueles que saqueiam os recursos do país para fins pessoais, assim como as nações que estabelecem noutros países políticas de dominação cultural e, por fim, de convidar uns e outros à conversão.

208. Perante os vários problemas de desenvolvimento ligados à má governação, que os Cristãos, bem como os homens e mulheres de boa vontade desejosos de ver a frente dos países africanos líderes, honestos e justos, que amam o bem-estar do seu povo, não se desencorajem! Pelo contrário, que encontrem os recursos de esperança, do amor pela pátria e da boa governação que África tanto necessita no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja. Que não tenham medo de agir de acordo com os seus princípios e de os transmitir aos outros na vida quotidiana e na política.

209. Encorajamos os cristãos interessados na governação, na administração dos assuntos públicos, no activismo partidário e no exercício do poder do Estado, bem como todos os cidadãos preocupados com a promoção e manutenção do Estado de direito e com o desenvolvimento do seu país, a adquirirem uma educação básica nestas matérias, apoiada por uma competência profissional e uma experiência de vida comprovada. Estes cristãos tornar-se-ão líderes políticos que serão o orgulho da Igreja.

210. Recomendamos, veementemente, que todos se formem para serem homens e mulheres de convicções e que fundamentam os seus ideais e as suas práticas políticas nos valores éticos, espirituais e evangélicos. Tal enraizamento é uma força em humanidade e em santidade que torna as pessoas capazes de resistir a ideologias e práticas de relativismo moral e de corrupção.

211. É nosso fervoroso desejo que os Cristãos se destaquem pela sua qualidade de vida e testemunho no seu meio de vida e de trabalho, para que possam ser reconhecidos entre os líderes dos grupos sociais, nas famílias, nos bairros das aldeias e das cidades, nas associações e movimentos. Ao mesmo tempo que estes cristãos prestam um serviço, devem procurar imbuir as realidades sociais e os critérios de julgamento com a Palavra de Deus, treinando-se assim para exercer maiores funções na sua cidade, país e a nível internacional. Isto lhes permitirá contribuir mais no enraizamento dos valores do Reino de Deus nas realidades políticas, económicas, sociais e culturais. Nesta área, Julius Nyerere deu um belo exemplo de um político cristão, que foi uma oportunidade para o seu país, a Tanzânia. Não teve vergonha do Evangelho e distinguiu-se, de todos os outros como Chefe de Estado cristão africano, abrindo a sua cultura e a sua prática política aos valores evangélicos do Reino de Deus.

O Mundo da Informação e da Comunicação

212. Reconhecemos com o Papa João Paulo II que os Meios de Comunicação Modernos não são apenas instrumentos de comunicação, mas também um mundo a ser evangelizado.⁹³ Em

⁹³ Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 194.

África, os Meios de Comunicação Social são uma importante alavanca para o desenvolvimento do Continente, mas também para a construção da paz. Mas paralelamente, eles também poderão tornar-se um motor eficaz de dominação, de destruição e de divisão. O que equivale a dizer que eles podem, ao mesmo tempo, servir ou prejudicar particularmente no plano moral, propagando, por exemplo, o verdadeiro e o falso ou propondo o feio e o belo.⁹⁴ Observamos cada vez mais que certos grupos financeiros e políticos concentram em poucas mãos, com um grande poder, a propriedade dos Meios de Comunicação e conseguem assim manipular a comunicação, impondo uma cultura que estimula o hedonismo, o relativismo e o consumismo, e que choca com as nossas culturas na sua identidade profunda e nos seus valores.

213. Encorajamos as Igrejas Locais e Particulares a serem vigilantes e a estarem mais presentes nos Meios de Comunicação Social de modo a torná-los, não só um instrumento de difusão do Evangelho, mas também uma ferramenta para a formação dos Povos Africanos no domínio da reconciliação, da verdade, da promoção da justiça e da paz.⁹⁵

214. Comprometemo-nos a apoiar os Profissionais da Comunicação Católica para que cumpram harmoniosamente a sua missão, procurando estabelecer, cada vez mais, uma relação de Comunicação Eclesial com as Organizações Internacionais. O SCEAM irá desenvolver ainda mais o seu Organismo de Comunicação, para aperfeiçoar os seus recursos de evangelização e contribuir para o estabelecimento de um plano de comunicação continental.

215. Convidamos as Conferências Episcopais Nacionais a empenharem-se totalmente na formação técnica, doutrinal e moral de todos os Agentes Pastorais, que trabalham com os Meios de Comunicação Social. Elas terão o cuidado de fornecer a estes Profissionais um adequado enquadramento para que não tenham medo de manifestar a sua fé, no mundo da Comunicação.

94 Cf. PAPA BENTO XVI, *Africae munus*, 143.

95 Cf. PAPA BENTO XVI, *Africae munus*, 143.

216. As Universidades e as Instituições de Ensino Superior Católicas terão igualmente o cuidado de oferecer a melhor formação possível, em Comunicação Social, tanto a nível dos percursos académicos, como a nível humano e profissional. Os Seminários e as Casas de formação Religiosa também darão um lugar significativo à educação dos futuros Agentes Pastorais, nas técnicas e linguagens da Comunicação e na Cultura Midiática. Será dever de todas estas Instituições de formação promover uma imagem objectiva de África e das suas realidades, nos Meios de Comunicação Social locais e internacionais, a fim de corrigir a imagem “apocalíptica” ou “catastrófica” frequentemente apresentada do Continente.⁹⁶

96 Cf. PAPA JOÃO-PAULO II, *Ecclesia in Africa*, 52.

CONCLUSÃO

217. África é a esperança da Igreja, disse o Papa Bento XVI. Em 1969 em Kampala, o Papa Paulo VI entrevista os sinais desta verdade profética. Durante a sua peregrinação pelas pegadas dos Mártires de Uganda, no nascimento do SCEAM, afirmou : “ *Vós podeis e deveis ter um Cristianismo Africano*”. Encorajou e exortou os Bispos de África, os seus Colaboradores, as Pessoas Consagradas e os Fieis a continuarem a obra de implantação do Evangelho nas razões de viver e de esperar, na cultura e nas realidades económicas, políticas, sociais, espirituais e religiosas do seu povo. A evolução da Igreja em África, nos últimos 50 anos, mostra, de facto, que Deus já estava a trabalhar, precedendo e acompanhando o seu Povo na obra da proclamação do Evangelho. Os Africanos, tornando-se seus próprios missionários e missionários também em outros Continentes, dão testemunho da crescente maturidade da sua Igreja e do seu Cristianismo: um Cristianismo Africano, que tem como opção teológica e pastoral a inculturação, a Igreja-Família de Deus (1ª Assembleia Especial para África do Sínodo dos Bispos) e o compromisso de ser o sal da terra, a luz do mundo, através da reconciliação, da justiça e da paz (2ª Assembleia Especial para África do Sínodo dos Bispos).

218. 50 anos após a sua criação, o SCEAM continua este trabalho em diversas áreas e com múltiplos desafios que revelam a presença viva e a acção poderosa de Deus Pai Todo-Poderoso, na sua Igreja em África. Os anos vindouros serão de uma muito maior manifestação da vinda do Seu Reino ao Continente e da actualização dos sinais dos benefícios da Sua salvação a favor do Seu Povo. Cristãos de África, estejamos presentes no encontro da missão com o Pai através do Filho no Espírito! Presentes no encontro da Nova Evangelização *ad intra*, no Continente do sol e da vida, terra de esperança, e da missão *ad extra* para outros povos, a fim de lhes levar a alegria da Boa Nova! Presentes, finalmente, no encontro da esperança, do apelo à fé e à acção, para nos fazer ver e experimentar, hoje, a alegria do Reino de

Deus do qual África missionária é doravante testemunha, nos seus Filhos e Filhas, em todo o mundo! Deste modo, nem o desespero nem o pessimismo podem ser justificados em relação ao futuro da Missão e da África que confiamos à intercessão da Mãe do Redentor:

219.

Maria, Nossa Senhora da Vida e da Esperança,

Maria, Nossa Senhora da Nova África,

Intercedei por nós

E acompanhai-nos nos caminhos do Anúncio

Da Boa Nova do vosso Filho!

Alcançai-nos de Jesus Cristo

Um zelo renovado pela Missão!

Orai por nós para que sejamos

Verdadeiras testemunhas do Reino de Deus

Junto do nosso povo e em todo o mundo!

Amén!

*Dado em Kampala, terra dos Mártires de Uganda, aos 28 de Julho de 2019,
encerramento do jubileu de ouro e XVIII Assembleia do SCEAM*

*+ Philippe Cardinal OUDRAOGO
Arcebispo Metropolitano de Ouagadougou
Presidente do SCEAM*



ÍNDICE

Documento de Kampala

*Que conheçam a Cristo e tenham a vida em abundância
(cf. Jo 17, 3; 10,10)*

INTRODUÇÃO (3-6)

Primeira Parte: Ele veio a nós (cf. Jo 1, 11^a) (7)

I.1 Contexto da missão (7-11)

I.2 O Compromisso da Igreja em África : O SCEAM, de ontem a hoje (12-23)

I.3 Acção de graças e convite a um novo impulso para a evangelização (24-26)

Segunda Parte: Aos que O receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo, 1, 12).

II.1 Encontrar Cristo e conhecê-Lo (27)

- Aprofundar a nossa fé (27)
- Aos que O receberam (28)
- Que procurais? Quem procurais? (28-29)
- A vida eterna é conhecer-Te (29)

II.2 Viver em Cristo: renascer e ser testemunha (30)

- Celebrar um novo nascimento (30-32)
- Vida de testemunho fundada em Cristo (32-33)

II.3 Ser e construir a Igreja família de Deus (34-37)

Terceira Parte: Arrependei-vos e trabalhai para a transformação do mundo (cf. Mc 1, 15). (38)

III.1 Escutar os desafios (38)

- Desafios económicos e políticos (38-40)
- Desafios sócio – culturais (40-42)
- Desafios ecológicos (42-44)
- Desafios éticos (44-45)
- Desafios da globalização (45-46)
- Desafios educacionais (46-47)

III.2 O Evangelho nossa Força (48)

- Não tenho vergonha do Evangelho (Rm 1, 16) (48)
- Arreponder-se e acreditar no Evangelho (48-49)
- O Evangelho é sinal de contradição? (49-50)
- Trabalhar para a transformação do mundo (50-51)

III.3 Novas mentalidades e novas estratégias pastorais (52)

- Perante os desafios, o poder de vida do Evangelho (52-54)
- Pastoral de conversão e de transformação do mundo para a África (55-56)
- Formação para a nova evangelização (56-57)
- Dimensão da formação (57-61)



III.4 Espiritualidade e compromisso para uma nova África (62)

- Uma espiritualidade de compromisso (62)
- Compromisso, acção concreta para o triunfo da vida sobre a morte (62-63)
- Transformação do mundo e exemplaridade de vida (63-64)
- Um novo fôlego às espiritualidades existentes (64-66)
- Pesquisas, exemplo dos Santos Africanos, Novas tecnologias de Informação e Arte Sacra (66-67)
- A Igreja-Família de Deus, testemunha da esperança (67-71)
- O Reino de Deus e os sinais da sua presença entre nós (72-76)

III.5 As áreas da Missão (77)

- Evangelização e promoção humana integral (77-78)
- Enraizamento do Evangelho nas culturas africanas (78-79)
- A família (79-80)
- A educação (80-81)
- Cristãos e Liderança Política (81-83)
- O mundo da Informação e da comunicação (83-85)

CONCLUSÃO (86-87)

PRESIDENTES DO SCEAM AO LONGO DOS ANOS.



2019 -

**Sua Eminência o Cardeal Philippe
OUÉDRAOGO
Arcebispo de Ouagadougou
País - Burkina Faso**



2019 -

**Primeiro Vice-Presidente da
SCEAM, Dom Sithembele
Sipuka
País - Africa do Sul**



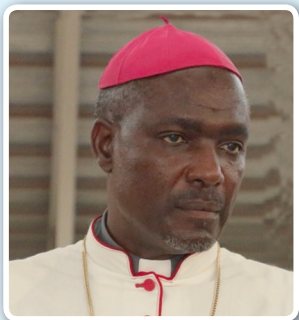
2019 -

**Segundo Vice-Presidente
SCEAM, Dom Lúcio Andrice
Muandula
País - Moçambique**



2019 -

Secretários Gerais



2013-2019

D. Gabriel MBILINGI, CSSp
Arcebispo de Lubango
País - Angola



2007-2013

Sua Eminência Policarpo Cardeal Pengo
Arcebispo de Dar-es-Salaam desde 1992
Nomeado Cardeal em 1998
País - Tanzânia



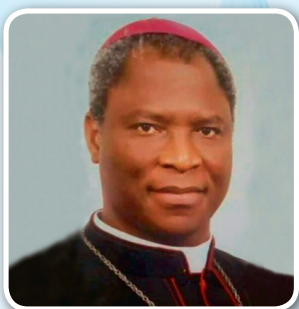
2003-2007

Sua Eminência John Olorunfemi
Cardeal ONAIYEKAN
Arcebispo de Abuja desde 1994
Nomeado Cardeal em 2012
País - Nigéria



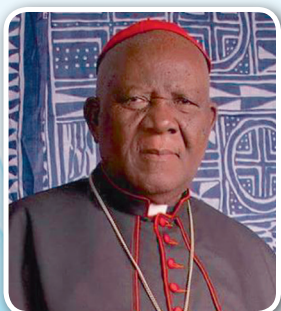
1997-2003

Sua Eminência o Cardeal Laurent
MONSENGWO PASINYA
Arcebispo de Kinshasa de 2007 a 2018
Nomeado Cardeal em 2010
País - República Democrática do Congo



1994-1997

D. Gabriel GONSUM GANAKA
Arcebispo de Jos, Nigéria, de 1994 a
1999, ano da sua morte
País - Nigéria



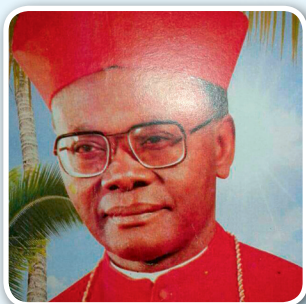
1991-1994

Sua Eminência o Cardeal Cristiano
WIYGHAN TUMI
Arcebispo de Douala de 1991 a 2009
Nomeado Cardeal em 1988
País - Camarões



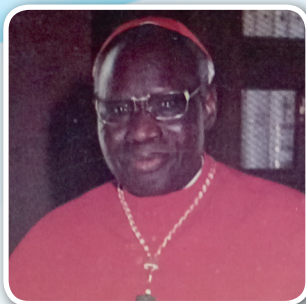
1987-1990

D. Gabriel GONSUM GANAKA
Bispo de Jos em 1974 e depois arcebispo...
Jos de 1994 a 1999, data de a sua morte
País - Nigéria



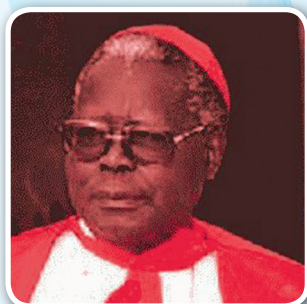
1984-1987

**Sua Eminência o Cardeal Joseph
Albert MALULA**
Arcebispo de Kinshasa (nome
alterado) de Leopoldville em 1966)
a partir de 1964
Nomeado Cardeal em 1969 em 1964
País - República Democrática do Congo



1981-1984

**Sua Eminência o Cardeal Paul
ZOUNGRANA**
Arcebispo de Ouagadougou de
1960 à 1995
Nomeado Cardeal em 1965
País - Burkina Faso



1978-1981

**Sua Eminência o Cardeal THIANDOUM
Jacinto**
Arcebispo de Dakar de 1921 a 2004
País - Senegal



1969-1978

**Sua Eminência o Cardeal Paul
ZOUNGRANA**
Arcebispo de Ouagadougou de
1960 à 1995
Nomeado Cardeal em 1965
País - Burkina Faso

Fotos dos Papas.



**Papa Francisco,
2013**



**Papa Bento XVI,
2005-2013**



**Papa João Paulo II,
1978-2005**



**Papa Paulo VI.
1963-1978**

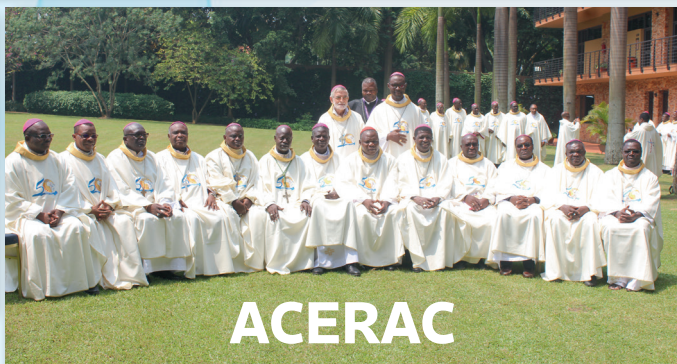
Representação dos Delegados do Jubileu de Ouro



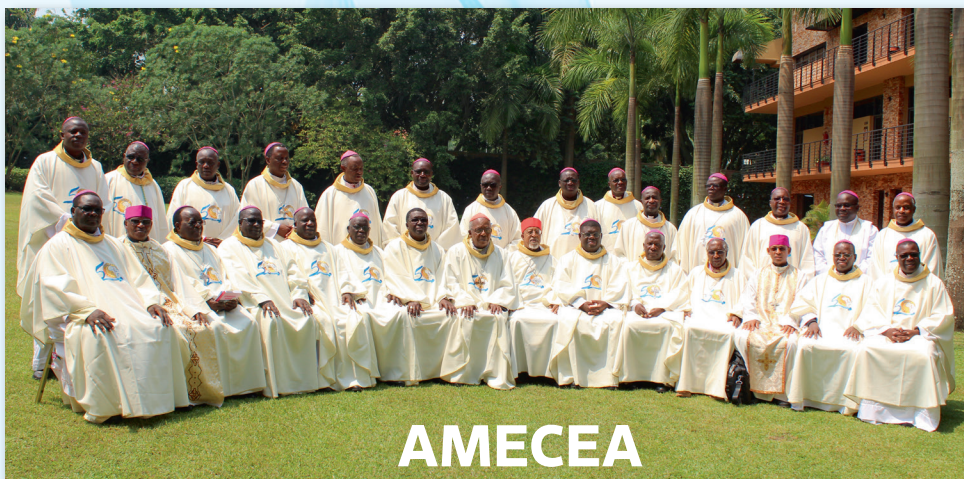
ACEAC



ACHE



ACERAC



AMECEA



CEDOJ



CERNA



IMBISA



RECOWA

Cerimónia da abertura





Foto de grupo dos Concelebrantes no final da missa da Abertura do Jubileu.



Foto de grupo de alguns dos Concelebrantes e do Representante dos Membros do Governo no final da Missa.



Foto dos Delegados no final da Cerimónia de Abertura do Jubileu de Ouro do SCEAM



Foto de família dos delegados no Jubileu de Ouro do SCEAM.

Secretariado do SCEAM
No. 4, Senchi Street, Airport
Residential Area, Accra
P. O. Box KA 9156, Airport
Accra, Ghana
(+233-302)778868
secam@secam.org
www.secam.org/www.sceam.org

© SCEAM, Accra, Ghana 2019



Bayard Africa, Editora parceira da SCEAM